



Batizada com o título **Grito e Escuta**, a 7.ª Bienal do Mercosul, inaugurada no dia 16 de outubro, não se pauta por um tema particular. Com uma inédita curadoria em que predominam os artistas, a mostra tem como eixos o foco nos processos de criação e a exploração de tecnologias midiáticas: são abundantes os trabalhos interativos e audiovisuais. A esses últimos é dedicado um espaço à parte, na exposição **Projetáveis**, uma das sete mostras distribuídas entre os armazéns do Cais do Porto, o Santander Cultural, o Museu de Arte Ado Malagoli do Rio Grande do Sul e diversos pontos da capital. Esses locais foram invadidos por uma proposta que, nas bienais, já se tornou tradição: silenciar o rumor das ruas com o grito da arte.

Página Central

As múltiplas vozes da Bienal

HISTÓRIA

20 Jahre Mauerfall

No outono alemão de 1989, desmoronou-se, com as paredes do seu mais simbólico representante, a separação entre dois mundos. Para muitos historiadores, a derrubada do Muro de Berlim representaria o Fim da História e a Festa da Liberdade. Celebrados como a lembrança de um recomeço, os 20 Anos da Queda do Muro são motivo de festa para a Alemanha, que ergueu unida a bandeira da reunificação. A foice e o martelo, instrumentos que construíram o regime do lado oriental do paredão berlinense, foram os mesmos que o levaram ao chão em 9 de novembro de 89. **P10**

TECNOLOGIA

Fórmulas do desenvolvimento



A partir do ano que vem, duas Engenharias da UFRGS abrem suas portas para novos alunos. Os cursos de Engenharia Física e de Energia vão preparar profissionais encarregados de fomentar o desenvolvimento do país. Eles poderão atuar no setor de alta tecnologia e em grandes concessionárias, gerenciando, por exemplo, o consumo energético de uma região. No segmento de energia eólica, 2 mil novos postos de trabalho estão previstos no Rio Grande do Sul para os próximos anos. O governo do estado libera investimentos em torno de R\$ 100 milhões para instalação de empresas do ramo. **P7**

LEI ANTIFUMO

Em nome da saúde coletiva

O RS possui uma nova lei antifumo. Não será mais permitido o consumo do cigarro em ambientes fechados, como bares, restaurantes e casas noturnas, apesar de a versão aprovada pelo governo estadual não apontar nenhuma punição para quem a descumprir. Os tabagistas perdem um direito, mas os que com eles convivem ganham qualidade de vida. Na UFRGS, o Projeto Viva Mais, da PROGESP, propõe um ambiente livre de fumo, proibindo gradualmente o consumo de cigarro nos prédios. A professora da Faculdade de Medicina Marli Maria Knorst vê a medida como um processo educativo para garantir a saúde de todos. **P5**

ECONOMIA

Uma obra de arte como metáfora máxima do capitalismo

Página 4

PESQUISA

Universidade instala Comissão de Ética no Uso de Animais

Página 2

SAÚDE

A dor pela música

Há séculos, se sabe que os músicos eruditos desenvolvem doenças específicas causadas pelo esforço ósseo-muscular que seus estudos exigem. Apesar disso, tratamentos direcionados a esses profissionais fazem parte de um campo ainda recente da Medicina do Trabalho. Diversos fatores de risco se somam a hábitos inadequados de ensaio e podem resultar em graves lesões. A consciência de que o músico precisa de preparo físico adequado para que a prática não traga complicações à sua saúde ainda está sendo construída. Nesse sentido, o Instituto de Artes da UFRGS organizou o I Encontro Rio-grandense de Medicina do Músico, evento que reuniu profissionais e estudantes da área médica e da música. Segundo o reumatologista Carlos Alberto von Mühlen, os principais fatores de risco para os instrumentistas são o estudo por muitas horas ininterruptas, a tensão emocional, as mudanças bruscas da técnica utilizada ou de instrumento e a exigência demasiada por parte dos próprios professores. **P11**





Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

75 anos da Universidade dos Gaúchos

Fundada em 28 de novembro de 1934 como Universidade de Porto Alegre, a partir da demanda da sociedade gaúcha pela expansão e modernização do ensino superior no estado, a UFRGS resultou da fusão da Universidade Técnica, com seus cursos de Engenharia, Agronomia, Veterinária, Física e Química; da Faculdade de Medicina, que incluía as Escolas de Farmácia e Odontologia; da Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; e do Instituto de Belas Artes. Em 1947, passou ao encargo do estado e, em dezembro de 1950, foi federalizada. Universidade sem fronteiras, ocupa posição de destaque no cenário nacional e internacional, sem abandonar sua vocação de universidade dos porto-alegrenses e dos gaúchos, profundamente enraizada e inserida neste estado tão importante para a vida republicana do país.

Sua história vem sendo escrita a partir dos desafios enfrentados, das conquistas alcançadas e da qualidade crescente de seus docentes,

servidores técnico-administrativos e estudantes. Oferecendo mais de 80 cursos de graduação e de pós-graduação, com uma comunidade de 40 mil pessoas e executando o terceiro orçamento do estado, nossa instituição é também uma das maiores universidades públicas do país. A produção e a democratização do conhecimento, integrados às atividades de ensino, pesquisa e extensão, levaram ao reconhecimento nacional e internacional em todas as áreas do saber.

Entre as inúmeras contribuições da UFRGS para o crescimento do estado, podemos listar: a indústria de tecnologia da informação praticamente nasceu na Universidade, com a criação das primeiras empresas de comunicação de dados, nos anos 70, e do CEITEC, recentemente inaugurado; o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul foi concebido na Faculdade de Ciências Econômicas, tendo sido o primeiro banco interestadual brasileiro, responsável por impulsionar a economia dos estados sulinos; o Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi gestado no Instituto de Belas Artes,

de onde também saiu seu primeiro diretor; o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, criado na Faculdade de Medicina, é presença marcante na assistência à saúde. Afora o fato de que muitas das lideranças políticas, sociais e culturais do estado e do país aqui obtiveram seus diplomas: presidentes, governadores, ministros, juristas, políticos, artistas, pensadores e intelectuais.

Decana das universidades federais sul-rio-grandenses, instituição pública a serviço da sociedade e comprometida com o futuro e a consciência crítica, contribuiu para a criação das universidades federais de Pelotas, Santa Maria, Rio Grande e do Pampa. Ao festejar seus 75 anos de intensa atividade acadêmica e de geração de conhecimento e saber, a UFRGS reafirma seu compromisso com a expansão e modernização do ensino superior.

Profundamente grata a todos os que deram sua parcela de contribuição para o sucesso deste projeto institucional, segue cumprindo sua missão de promotora do desenvolvimento da sociedade gaúcha e do país.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira e Aluisio Pinheiro
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Boletistas
Ariel Fagundes, Demétrio Pereira, Diego Mandarino, Jaqueline Crestani, Luciano Costa e Maria Elisa Lisboa
Colaborou nesta edição
Cassia Caldas
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Enade

O Jornal da Universidade poderia fazer uma reportagem sobre o Enade? A recente descoberta de que as provas estavam sendo transportadas sem o devido lacre e sem qualquer esquema de segurança levantaram a suspeita de uma possível fraude. Dados os fatos noticiados na imprensa com relação à tentativa de venda dos exames do Enem, isso não chega a ser surpreendente... Por isso, considero que caberia uma análise dos grandes interesses envolvidos numa avaliação como esta, apresentando inclusive sugestões dos profissionais da UFRGS envolvidos na organização do vestibular. Afinal, a nossa Universidade jamais teve qualquer de suas provas anulada por fraude.

Cristóvão G. Pereira, extensionista

Obras no RU do Vale

Até quando a comunidade que frequenta o Câmpus do Vale terá de suportar as intermináveis filas na hora do almoço? As obras de ampliação do RU têm andado a passos lentos, prejudicando o dia a dia de alunos, professores e técnicos. Eu mesma já precisei pular o almoço para não perder a aula do primeiro período. A tal "Cidade Universitária", prometida durante a última campanha para reitor, parece ter ficado para depois. Além disso, o Câmpus continua carecendo de espaços de estudo e convivência, o que obriga muitos a improvisar, adotando os bancos de pedra e de madeira. Só que, nos dias de frio e chuva, não restam alternativas para quem passa o dia no Vale. O tema, por sinal, já foi abordado em uma reportagem do Jornal da Universidade publicada no ano passado. Onde estão as medidas para resolver esses problemas?

Maria Luísa Lima, ex-aluna de Geologia

Artigo

Uma aliada no trabalho de professores e pesquisadores

Vivemos uma época em que alternativas à utilização de animais na experimentação científica são estudadas e a participação de organizações não governamentais e da sociedade é cada vez mais intensa na defesa dos direitos dos animais.

Embora tenhamos pleno conhecimento de que não é possível, ainda, substituí-los totalmente na pesquisa, é nosso dever orientar para que métodos alternativos sejam adotados nos campos do saber em que estes já se encontrem validados, impedindo o uso de animais de forma equivocada. Entretanto, se faz mister que, nas áreas nas quais inexistam alternativas de substituição, ocorra a implementação dos preceitos dos 3Rs (sigla em inglês), determinados por Russel e Burch (1959): redução, substituição e refinamento.

Assim, sempre que for imprescindível o uso de animais em pesquisa, entendemos que estes devam ser tratados dentro da ética, de maneira que sejam respeitados como seres vivos que estão contribuindo para o progresso da ciência. Da mesma forma que os seres humanos também o fazem quando participam de um estudo clínico.

A Comissão de Ética no Uso de Animais da UFRGS (CEUA-UFRGS), instituída em 9 de outubro, tem as seguintes funções/competências: cumprir e fazer cumprir, no âmbito de suas atribuições, o disposto na Lei Federal n.º 11.794/08 e nas demais normas aplicáveis à utilização de animais para ensino e pesquisa, especialmente nas resoluções do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia; examinar previamente os procedimentos de ensino e pesquisa a serem realizados na Universidade, para determinar sua compatibilidade com a legislação aplicável; manter cadastro atualizado dos procedimentos de ensino e pesquisa realizados, ou em andamento, enviando cópia ao Conselho Nacional; manter cadastro dos pesquisadores que realizem procedimentos de ensino e pesquisa, enviando cópia ao Concea; expedir, no âmbito de suas atribuições, certificados que se fizerem necessários perante órgãos de financiamento de pesquisa, periódicos científicos ou outros; notificar imediatamente ao Conselho e às autoridades sanitárias a ocorrência de

qualquer acidente com os animais, fornecendo informações que permitam ações saneadoras; estabelecer programas preventivos e de inspeção para garantir o funcionamento e a adequação das instalações e do pessoal responsável pelos procedimentos com os animais experimentais ou de ensino sob sua responsabilidade, dentro dos padrões e das normas definidas pelo Concea; manter registro do acompanhamento individual de cada atividade ou projeto em desenvolvimento que envolva ensino ou pesquisa científica, realizados ou em andamento na Instituição, e dos pesquisadores responsáveis.

Todo o professor e/ou pesquisador, no âmbito da Universidade, que utilizar animais em aulas práticas e em projetos de pesquisas deverá encaminhar à Comissão de Ética no Uso de Animais da UFRGS uma solicitação de licença, pelo preenchimento de formulário específico, no qual deve explicitar e justificar o uso. Essa solicitação será encaminhada a um relator, cujo parecer será ou não referendado pela plenária da Comissão.

No entanto, a fim de que os trabalhos da

CEUA-UFRGS possam começar efetivamente, é necessário que a administração central da nossa Universidade a dote de infraestrutura, de localização e de pessoal. Por enquanto, a Comissão vem se reunindo em locais diversos, já tendo concluído o seu Estatuto; no momento, elabora o Regimento Interno. Também já fizemos o cadastramento da CEUA-UFRGS junto ao Colégio Brasileiro de Experimentação Animal (Cobea) e à Sociedade Brasileira de Ciência em Animais de Laboratório (SBCAL). O próximo passo será confeccionar uma solicitação de licença para o uso de animais em aulas e em projetos de pesquisa.

Os docentes da Universidade devem ver esse órgão como um aliado, e não como mais um entrave em seu trabalho, e podem estar certos de que sempre serão comunicados com antecedência sobre as decisões da Comissão.

Flávio Antônio Pacheco de Araújo
Presidente da Comissão de Ética no Uso de Animais da Universidade e professor da Faculdade de Veterinária da UFRGS

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



1934

Assinatura do ato de criação da Universidade de Porto Alegre (UPA), em 28 de novembro. Presentes à cerimônia (da esquerda para a direita): Leonardo Macedônio (Direito), Sarmiento Leite (Medicina), Fontoura (repórter do Correio do Povo), André da Rocha (Direito), o interventor do Estado Flores da Cunha e o secretário do Interior e Justiça, presidente da Comissão Organizadora da Universidade.



Iniciação Científica 2009

Babel sintonizada

O título traduz a sensação de quem esteve no Câmpus Centro da UFRGS entre os dias 19 e 23 de outubro visitando o Salão de Iniciação Científica (SIC). Mas, ao contrário do que aconteceu na história do Antigo Testamento, os milhares de jovens envolvidos nessa grande atividade de troca de experiências saíram enriquecidos, pois falavam uma língua comum: a ciência. O SIC alcançou a sua 21.ª edição com a participação de 3.015 apresentadores de pôsteres, que lotaram o Salão de Festas e a Sala Fahrion da reitoria. Desses, 139 foram indicados ao Prêmio Jovem Pesquisador.

Clarissa de Oliveira, estudante do 9.º semestre do curso de História da Universidade apresentou um pôster sobre a arquitetura residencial em Porto Alegre no período colonial. "Tento reconstruir essa arquitetura a partir dos registros de compra, venda e doação de imóveis do arquivo público da capital, fazendo um esboço de quem a construiu como um centro político e econômico." A estudante diz que o projeto deverá dar origem a seu trabalho de conclusão de curso e que, possivelmente, continuará a dedicar-se ao estudo dessa área num curso de mestrado. Cursando o 6.º semestre de Engenharia Ambiental, Elizabeth Becker apresentou um trabalho de comparação entre energias limpas, avaliando sua eficiência, seus custos e seus impactos ambientais. "Minha motivação surgiu de uma discussão em laboratório para saber qual das formas de geração de energia limpa é a mais eficiente, isto é, qual a que aproveita melhor a área. Os dados preliminares indicam que a melhor forma é a hidrelétrica, pois tem um fator de carga maior e gera uma energia maior também." Orientada pelo professor Marcelo Giulian Marques, ela planeja continuar pesquisando no Laboratório de Obras Hidráulicas da Universidade.

Estudantes turbinados - A exemplo dessas alunas, boa parte dos participantes do SIC ensaiam os primeiros passos rumo a uma carreira acadêmica. Segundo os professores do Instituto de Letras da UFRGS Zilá Bernd e Robert Ponge, integrantes de uma das bancas de avaliação do evento, essa é uma tendência marcante. "É um momento de preparação dos jovens para a pesquisa. Os nossos melhores bolsistas de mestrado e doutorado passaram pela Iniciação Científica", explica a professora. Ela acrescenta que a grande importância do Salão reside no



Bolsistas de Iniciação Científica movimentaram o Salão de Festas da reitoria durante o SIC

fato de professores e estudantes ficarem conhecendo os trabalhos uns dos outros. Robert Ponge diz que a IC é uma tradição. "Além disso, é inegável que os alunos que fazem Iniciação Científica já saem 'turbinados' da graduação, enfrentando o mestrado ou a vida profissional num outro patamar."

Para o pró-reitor de Pesquisa, João Edgar Schmidt, tanto o SIC quanto a Feira de Iniciação Científica expressam a multiplicidade de iniciativas da Universidade em todas as áreas do conhecimento: "É mesmo uma Torre de Babel que a gente procura colocar em ordem para que se tenha uma sistematização que permita a troca de experiências". O professor destaca que o Salão UFRGS Jovem, que em sua quarta edição teve 285 inscritos de 24 instituições, já demonstrou possuir um apelo muito forte junto aos estudantes das escolas públicas e privadas da capital. "Esse é um projeto que vai nos dar um bom problema. Ele irá crescer a ponto de termos de achar um jeito de acomodar tudo isso. Porto Alegre carece de um espaço nesse estilo para

que a criançada possa apresentar trabalhos, desafios, inventos. Um dos sonhos que temos é fazer uma feira do inventor para jovens, uma espécie de concurso estadual", revela.

João Schmidt acredita que outro aspecto interessante na IC é a liberdade de criação e de questionamento que o aluno adquire quando ingressa num laboratório da Universidade. "Ali lhe é permitido criar e pensar diferente, algo impensável em nosso ensino médio bitulado em que todos seguem uma cartilha respondendo somente ao que lhes é solicitado e mais nada. E essa não é uma questão apenas do Brasil, é um problema da educação no Ocidente, que tem um formato muito fechado." Segundo ele, o Salão e a Feira de Iniciação, bem como o UFRGS Jovem, são parte de uma política de investimento na divulgação científica e na integração com o ensino fundamental. "Eventos como esses mostram a que vem a Ciência e os seus resultados em termos de melhoria econômica e social para o estado e para o país", conclui.

Vestibular

Medicina é o curso mais concorrido

O Vestibular 2010 da UFRGS tem 32.706 inscritos e oferece 4.961 vagas em 86 cursos de graduação. Entre as opções para o próximo concurso, a mais procurada é a Medicina, com 34,51 candidatos por vaga. Direito (diurno) é o segundo mais concorrido, com 18,04 inscritos, seguido de Fisioterapia, com 17,07, e Psicologia (noturno), com 16,30. O quinto curso mais disputado é o de Direito noturno, com 15,41 candidatos por vaga. No próximo ano, a Universidade disponibiliza, pela primeira vez, vagas para Administração Pública e Social (noturno), Biotecnologia, Engenharia de Energia, Engenharia Física, História da Arte (noturno), Políticas Públicas (noturno) e Serviço Social (noturno). As provas serão realizadas entre os dias 10 e 13 de janeiro, nos municípios de Porto Alegre, Bento Gonçalves e Imbé/Tramandaí, com início às 8h30min e duração de 4h30min. Mais informações podem ser obtidas pelo site www.vestibular.ufrgs.br.

Intercâmbio

UFRGS lança projeto Campus Internacional

No último dia 9, a Universidade lançou o projeto Campus Internacional, que deverá ampliar a cooperação internacional de forma ordenada e estratégica. A inauguração ocorreu ao final do *Seminário de Cooperação Internacional - A França na UFRGS; Políticas de Consolidação e Expansão Acadêmica*, evento organizado pela Secretaria de Relações Internacionais (Relinter) para debater questões políticas e logísticas sobre programas de dupla diplomação e cotutela. Segundo Liane Hentschke, coordenadora da Relinter, o Campus Internacional é uma plataforma para o desenvolvimento de ações integradas de internacionalização. "O projeto embute um conceito de universidade no mundo e do mundo. Uma universidade aberta e internacional, cooperando com vários países nas suas diversas instâncias: instituições de ensino, centros de pesquisa, empresas mul-

tinacionais e representações diplomáticas no Brasil." Já o reitor Carlos Alexandre Netto avalia que o projeto deverá constituir-se em um espaço no qual as ações de internacionalização e, principalmente, de mobilidade estudantil e docente possam se consolidar de modo a fazer crescerem as atividades da Universidade. Thierry Valentin, diretor-geral do Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (Cendotec), salientou a cooperação histórica entre a UFRGS e a França, apontando em que aspectos pode haver um incremento nessa relação: "Hoje, a UFRGS recebe uma média de 12 alunos franceses por ano; muito pouco, se comparado ao número de estudantes franceses que vêm ao Brasil, que gira em torno de 400 por ano. Gostaríamos de ajudar a UFRGS e outras universidades brasileiras a receberem mais alunos franceses".

Esporte

Rústica teve 400 inscritos

A Rústica em comemoração aos 75 anos da UFRGS foi realizada no dia 8 deste mês no Parque Farroupilha. Promovida pela Coordenadoria de Esportes, a atividade contou com a participação de cerca de 400 inscritos que fizeram o percurso de 4 e de 10 km. Os vencedores receberam medalhas de ouro, prata e bronze. Na prova de 4 km feminino, o 1.º lugar foi para Carla Eliete Iochims dos Santos (aluna), o 2.º ficou com Vera Lúcia Correa da Silva (servidora) e o 3.º, com Thayse Lamanna Schirmer (aluna). Na categoria 4 km masculino, foram premiados: Fabiano Manzini Muniz (professor) em primeiro, seguido por Érico da Cunha (comunidade externa) e Diego Caberlon Santini (aluno). Na prova de 10 km feminino, as vencedoras foram: Cristiane Marques (aluna), em primeiro, Carolina Monteiro (aluna), em segundo, e Denise Loureiro Pedrosa (ex-aluna), em terceiro. A prova de 10 km masculino foi vencida por André de Canossa Macedo (ex-aluno), seguido de Leonardo Zanatta (aluno) e Eduardo Martinelli Leal (aluno). As medalhas foram entregues pelo reitor Carlos Alexandre Netto, que também participou da competição dos 4 km.



UFRGS TV

Conhecendo a UFRGS Reintec - Uma rede a serviço do empreendedorismo

Incubadoras têm a finalidade de facilitar o desenvolvimento de empresas. Empresas que, sem esse apoio, possivelmente não sairiam do papel. Seja cedendo espaço físico, seja acompanhando os projetos, a UFRGS oferece suporte através de suas incubadoras, exercendo um papel muito importante para as empresas iniciantes. Segundo a secretária de Desenvolvimento Tecnológico, Raquel Mauler, é essencial que essas iniciativas "incorporem as tecnologias geradas na própria Universidade, procedendo à aplicação dos resultados de pesquisas já existentes".

A Universidade conta com sete incubadoras: Centro de Empreendimentos do Instituto de Informática (CEI), Incubadora Tecnológica Héstia, Incubadora Empresarial do Centro de Biotecnologia (IE-CBiot), Incubadora Tecnológica Empresarial de Alimentos e Cadeias Agroindustriais (Itaca), Incubadora Tecnológica de Medicamentos do Centro de Desenvolvimento Tecnológico de Produtos Farmacêuticos (ITM/CDTF), Incubadora Tecnológica de Reciclagem (ITR) e Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (Incoop). Elas são acessíveis à comunidade em geral, incubando projetos universitários e iniciativas populares. "A forma de seleção e ingresso de empresas é feita mediante edital público, elaborado pela incubadora e amplamente divulgado", declara Ana Paula Matei, assessora da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec). "Por meio de diferentes mecanismos, o saber acadêmico deve ser transferido/repassado à sociedade, que se beneficia não somente dos profissionais que atuarão no mercado, mas também do avanço científico e tecnológico gerado nesse ambiente", reforça Raquel Mauler.

Em janeiro de 1999, foi criada a Rede de Incubadoras Tecnológicas da UFRGS (Reintec) - uma ação desenvolvida pela Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico -, que assumiu a função de coordenar, divulgar e integrar todas as incubadoras presentes na Universidade. Conforme enfatiza Raquel Mauler, "para atingir seu objetivo, a Rede se articula com os demais mecanismos institucionais da UFRGS, visando não só à sua integração, mas principalmente à otimização de recursos com vistas a alcançar maior eficiência".

Bruno Martins, estudante do 5.º semestre de Publicidade e Propaganda, e Gabriella Padilha Scott, estudante do 2.º semestre de Jornalismo

Assista aos programas

Para entender melhor a estrutura e o funcionamento da REINTEC, assista ao programa Conhecendo a UFRGS, que vai ao ar dia 24 de novembro, a partir das 21h30min, pela UNITV, canal 15 da NET POA.



For the Love of Gold

Antonio David Cattani *

A ilustração utilizada para divulgar o seminário Riqueza e Desigualdade na América Latina causou um grande estranhamento e, em alguns casos, reações de aversão. Uma caveira, mesmo cravejada de diamantes, não traduz, para muitos, a ideia usual de riqueza e, menos ainda, de desigualdade ou pobreza. O convencional seria um cartaz com imagens de pessoas pobres ou de condições deploráveis de vida, tais como moradias precárias, trabalhos insalubres ou situações de abandono. O mundo da pobreza aparece sempre em cenas pungentes, por vezes chocantes, em fotos nas quais, em alguns casos, o olhar não se sustenta. No Brasil, esse universo corresponde ao registro gráfico do que é comum observar-se nas ruas e nas favelas de todas as cidades.

As imagens da pobreza, ilustrando cartazes e banners de seminários e congressos sobre as desigualdades, são de fácil obtenção. As pessoas representadas não exigem direitos autorais nem estão preocupadas em esconder sua situação; pelo contrário, deixando-se capturar na foto, esperam dar visibilidade à sua condição e situação e, assim, sensibilizar os outros.

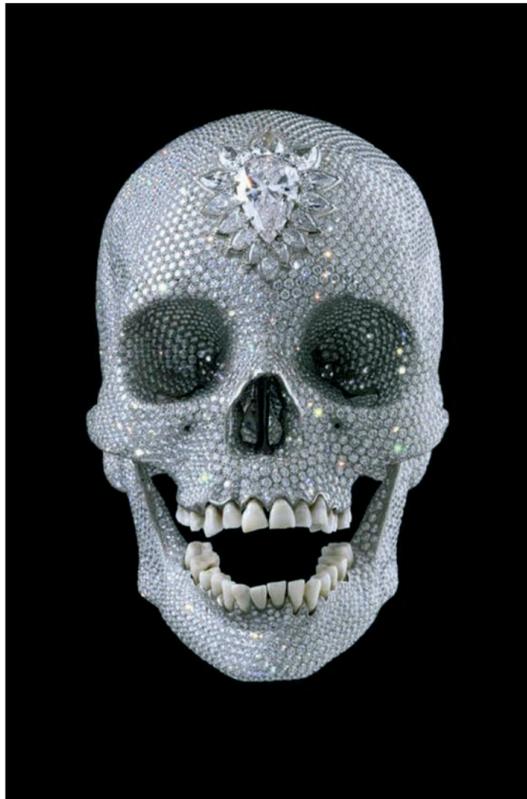
A representação dos contrastes, da brecha social, dos abismos que separam pobres e ricos também é fácil conseguir. Imagens com mansões ao lado de barracos, com crianças esqueléticas mendigando próximo a carros de luxo ou com catadores de lixo em frente a lojas para milionários reproduzem cenas comuns das metrópoles brasileiras. As diferenças são imensas, mas são interpretadas como realidades análogas a mundos distintos e desconectados, permitindo entender-se que os diferentes grupos sociais não fazem parte do mesmo sistema de dominação e dependência.

A ilustração da riqueza é muito mais problemática. Primeiramente, porque ela desperta mais admiração do que indignação. A riqueza é sempre relacionada ao sucesso, à fruição das boas coisas da vida, sem que haja associação entre a materialidade do luxo e os processos que permitiram a sua apropriação. Os verdadeiramente ricos utilizam sutis estratégias tanto para mostrar como para esconder sua situação, expondo-a quando isso assegura a distinção prestigiosa e o poder, porém ocultando-a quando a posse da riqueza deve ficar ao abrigo dos olhares investigativos da Receita Federal ou da análise crítica da sociedade. Além disso, outras razões prosaicas impedem a divulgação de ilustrações da riqueza glamorosa: direitos autorais sobre imagens e impedimento expresso de utilizá-las para ilustrar qualquer evento que possa comprometer a dupla dimensão da riqueza como totem e tabu.

Damien Hirst é um dos mais controversos artistas contemporâneos. Suas pinturas, imagens, objetos e esculturas fizeram-no mundialmente célebre, e, com um provocativo e inteligente sistema de promoção de obras não convencionais, Hirst bateu todos os recordes de vendas de obras de um artista ainda vivo. *For the Love of God* é identificada como uma escultura em platina cujo suporte é o crânio de um indivíduo que viveu na Inglaterra no final do século XVIII e início do XIX. Mede 28 por 40 cm e é incrustada com 8.601 diamantes perfeitos e "eticamente extraídos". Seu custo de criação foi avaliado em 14 milhões de libras esterlinas. Foi vendida em 2007 na White Cube Gallery, de Londres, para um consórcio não identificado de compradores por 50 milhões de libras - o equivalente, na época, a 180 milhões de reais, superando o valor de aquisição de obras de expoentes clássicos da arte ocidental, tais como Rembrandt, Renoir ou Picasso.

Podem-se discutir os significados de *For the Love of God* no campo específico da arte contemporânea, focando sua originalidade criativa, seu caráter audacioso e provocativo de inovação, e os aspectos de fruição estética original, além do marketing proporcionado pelo escândalo incitado pela obra; mas não são essas as perspectivas e o contexto aqui relevantes. A arte contemporânea, condensação e consciência de circunstâncias e dimensões sociais extremas, permite outra interpretação.

For the Love of God pode ser considerada um ícone ou a



“For the Love of God”,
escultura de Damien Hirst,
molde de platina de um
crânio humano coberto com
8.601 diamantes

metáfora das realizações materiais e simbólicas do capitalismo contemporâneo, representando algo equivalente a outras obras famosas da cultura norte-ocidental em seus respectivos tempos históricos. Por exemplo, a Capela Sistina pode simbolizar a glorificação do poder papal do século XVI; o retrato de Luis XIV, o Rei Sol, por Hyacinthe Rigaud, e a tela Sagração de Napoleão, de Jacques Louis David, respectivamente documentam o apogeu dos poderes absolutista e imperial; ou ainda o prédio do Museu Guggenheim, em Nova York, do arquiteto Frank Lloyd Wright, registra os princípios do capitalismo racionalista e pragmático de meados do século XX. Essas realizações estão associadas ao auge de um conjunto de circunstâncias políticas, culturais e econômicas, condensando num objeto, num prédio ou monumento, símbolos que traduzem capacidades, realizações, força e riqueza. Nesse sentido, as questões relativas ao julgamento estético podem ficar em segundo plano. O que interessa aqui é considerar o que elas revelam de contextos que dizem respeito à análise de condições e relações sociais.

A partir de meados dos anos 1980, a dinâmica e as estratégias da expansão capitalista reverteram o modelo que vigorou durante os chamados “30 anos gloriosos” (1945-1975), caracterizado por uma orientação macroeconômica keynesiana que resultou no Welfare State. Nos países economicamente avançados, o Estado de bem-estar foi construído graças à crescente participação da

classe trabalhadora na distribuição de renda, com a massa salarial elevando-se concomitantemente ao aumento de benefícios nas áreas de moradia, saúde, educação e aposentadoria.

Esse modelo inclusivo e socialmente mais justo foi revertido pelas práticas neoliberais, primeiramente no Chile, durante a ditadura de Pinochet, depois na Inglaterra, no governo de Margaret Thatcher, nos Estados Unidos, no período Reagan, e, em seguida, no restante dos países norte-ocidentais e em grande parte do Terceiro Mundo. As orientações econômicas referenciadas no Consenso de Washington alteraram a forma de intervenção do Estado e reduziram o poder dos sindicatos, abrindo caminho para a reversão de direitos coletivos arduamente conquistados ao longo século XX. Precarização crescente dos contratos de trabalho, privatização dos sistemas de aposentadoria, liberdade para o capital explorar as populações vulneráveis, liberdade plena para o setor financeiro especulativo expandir-se e abolição de controles aduaneiros, garantindo ampla circulação de mercadorias e capitais, tiveram um resultado muito objetivo: redução da parte dos salários e dos rendimentos dos mais pobres e, conseqüentemente, aumento dos ganhos do grande capital. A acelerada expansão econômica foi monopolizada por corporações cada vez maiores e mais internacionalizadas. Seu crescimento em escala planetária proporcionou a geração de lucros em um volume jamais visto na história do capitalismo.

O antagonismo capital vs. trabalho e a concorrência entre os diferentes capitais exigem a reaplicação permanente do excedente na esfera produtiva, porém, se os lucros crescentes forem constantemente reaplicados, haverá uma crise de realização. Em outros termos, havendo a geração de lucros desmedidos decorrente da superprodução de mercadorias e serviços, evidencia-se a contradição principal do sistema: como o excedente é apropriado por poucos, os demais, que tiveram perdas salariais e redução de benefícios indiretos, não têm poder de compra suficiente para absorver o que foi produzido. Isso causa, primeiramente, a estagnação do sistema e, em seguida, seu colapso.

Várias estratégias podem ser adotadas para se evitar a crise. A mais simples seria a transferência de parte dos lucros para os trabalhadores, que teriam seu poder de compra ampliado; mais simples, porém incompatível com a lógica inexorável da apropriação privada da riqueza socialmente produzida. Outras soluções podem ser encontradas na destruição física de parte do capital produtivo ou na esterilização dos lucros em esferas não diretamente produtivas. Esta última possibilidade passou a ser fortemente utilizada nos primeiros sete anos do século XXI. Bens de uso pessoal de altíssimo luxo, serviços personalizados e exclusivos, viagens de executivos endinheirados ao espaço, iates, mansões etc. constituíram-se em alternativas aos limites do reinvestimento produtivo e à impossível generosidade.

O ano de 2007 foi o auge de um período da abundância apropriada por milionários e bilionários, o paroxismo da personificação da riqueza; 2007 foi o ano de venda da caveira de 100 milhões de dólares. *For the Love of God* se presta a um trocadilho fácil, mas que corresponde à dimensão icônica ou metafórica, reunindo significado e significante: *For the Love of Gold*, pelo amor do ouro, condensação da riqueza, entesouramento estéril, evocando a fruição sem limites e sem utilidade coletiva.

Hirst poderia ter escolhido outro suporte para sua obra - uma mercadoria, um banal utensílio doméstico ou um instrumento de trabalho. Artista inteligente e sagaz, deliberadamente optou por uma caveira com um sorriso alucinado, expressando cinismo, voracidade e impiedade; caveira símbolo dos piratas saqueadores, caveira símbolo da morte. Numa obra genial, o artista criou algo que pode ser considerado alegoria ou metáfora máxima do capitalismo contemporâneo.

Professor titular de Sociologia PPGS-UFRGS
www.antoniodavidcattani.net

O projeto Elsa decola na UFRGS rumo ao futuro

Maria Inês Schmidt e Bruce B. Duncan*

Financiado pelo Ministério da Saúde e realizado em seis instituições de ensino superior de excelência no país, o projeto Elsa (Estudo Longitudinal da Saúde do Adulto) foi lançado pelo ministro da Saúde em Porto Alegre no ano passado. Implantado na UFRGS em instalações provisórias, hoje conta com novo Centro de Pesquisa em pleno funcionamento, podendo agendar as dezenas de servidores que já se inscreveram como voluntários.

O Elsa tem como objetivo investigar o desenvolvimento de diabetes e doenças cardiovasculares (e outros males crônicos) em 15 mil servidores entre 35 e 74 anos de idade, ativos e aposentados. Um marco na pesquisa em saúde no Brasil, o projeto fará um retrato dessas doenças, considerando aspectos das pessoas e do contexto em que elas vivem. Já foram arrolados

8.000 participantes, e a meta é alcançar o total pretendido até o final de 2010.

Os voluntários respondem a questionários e realizam exames laboratoriais e clínicos como antropometria, pressão, eletrocardiograma, ecocardiograma, ultrassonografia de carótidas, fígado e gordura abdominal, fotografia de retina, teste de tolerância à glicose entre outros, buscando compor um retrato da molécula ao social.

Com investimento de R\$ 22 milhões do Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit) do Ministério da Saúde, via Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Elsa veio para ficar. Um dos aspectos inéditos do projeto é que ele não se encerra nessa primeira avaliação. O retrato que está sendo feito agora é apenas a linha de base para uma

avaliação continuada no futuro. Anualmente, os participantes serão contatados por telefone para informar sobre seu estado de saúde e novas doenças, cirurgias e internações; e de três em três anos, serão convidados a retornar para novas baterias de exames. A duração prevista para o projeto é de 20 anos, já contando com novo financiamento a ser liberado em 2010. Estudos como o Elsa, desenvolvidos no hemisfério Norte, mostraram, por exemplo, que o fumo causa câncer de pulmão e que o diabetes provoca doenças do coração. Agora o Brasil também quer se conhecer. Por isso, o Elsa vai fazer um retrato das doenças que afligem os adultos brasileiros.

Um total de 2.000 servidores no âmbito UFRGS/HCPA fará parte do estudo. Dos 540 que já se inscreveram, 415 foram arrolados até agora - a maior parte nos últimos dois meses,

após a inauguração das instalações do Centro de Pesquisa Elsa-RS, localizadas no novo Centro de Pesquisa Clínica do Hospital de Clínicas. Com um espaço de 400 m², o Centro viabiliza maior número de exames por dia, garante excelência no acolhimento aos participantes e permite o uso de equipamentos de ponta na avaliação de saúde. Com esse cenário já podemos afirmar que o Elsa-RS decolou rumo ao futuro. São membros do estudo até hoje 415 funcionários e docentes, homens e mulheres, ativos e aposentados. Seja você também parte desse retrato. Inscreva-se no projeto pelo site www.elsa.org.br preenchendo a ficha de contato. Mais informações pelo telefone 3359-6304.

* Professores associados,
Coordenadores do Projeto Elsa



Obrigado por não fumar

Tabagismo

Leis antifumo e medidas educativas querem beneficiar saúde coletiva

Ele está lá, no escudo que representa as Armas da República, ornamentando o Cruzeiro do Sul, ao lado de folhas de café. O fumo, produto que em 1889 era uma das principais monoculturas de exportação do Brasil, foi de mocinho a vilão da história, sem nunca deixar de representar papel importante nas relações sociais e nas questões de convivência.

Agora, seguindo o exemplo de países como a Inglaterra e a França – nos quais recentemente o fumo em locais fechados foi proibido –, o Brasil revê suas leis a respeito do hábito. Em São Paulo e no Rio de Janeiro entraram em vigor medidas de fiscalização e multa para estabelecimentos como bares, restaurantes e casas noturnas que permitam o consumo de cigarros, charutos e semelhantes.

O Rio Grande do Sul, desde o dia 4 deste mês, também teve sua lei reformulada. O novo texto, aprovado pela governadora Yeda Crusius, adotou uma versão mais branda do que a proposta pela Assembleia Legislativa. O projeto do deputado estadual Miki Breier, assim como o paulista, previa multas e controle, mas o sancionado pelo Executivo Estadual ainda não diz nada a esse respeito.

A legislação gaúcha que define como “recintos coletivos fechados” ambientes de trabalho, casas de espetáculo, bares, restaurantes, hotéis, bancos e supermercados exclui áreas externas, como calçadas, varandas e terraços. Há, ainda, a possibilidade da criação de locais destinados aos fumantes, os chamados “fumódromos”, desde que haja sistema de exaustão adequado.

Fumo zero na UFRGS – A Universidade também vem modificando suas políticas em relação ao fumo no ambiente acadêmico. O projeto Viva Mais, desenvolvido pela Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGESP), está intensificando planos antigos de restringir o hábito para melhoria da qualidade de vida de docentes, técnicos e estudantes. Segundo pesquisa aplicada em 2005, em uma amostra de mil pessoas da comunidade universitária, 10% dos professores e alunos e 20% dos técnicos são fumantes regulares. O número é menor do que as estatísticas de Porto Alegre – que apontam 25% de fumantes entre os maiores de 15 anos –, mas, de qualquer forma, merece cuidado.

O cigarro, assim como o sedentarismo e a má alimentação, está na origem das quatro principais doenças crônicas com alta taxa de mortalidade no

país: as respiratórias crônicas, as cardiovasculares, o câncer e o diabetes. O oncologista Alexander Daudt, coordenador do projeto mantido pelo Departamento de Atenção à Saúde (DAS), enfatiza a importância da prevenção: “Trabalhando em cima dos riscos, evitaremos o desenvolvimento dessas epidemias crônicas, que acontece ao longo do tempo”.

Por isso, os planos são de proibir de vez o consumo de cigarro nas dependências da UFRGS e estabelecer um ambiente livre de fumo, iniciando pelo prédio da reitoria. O processo levará algum tempo para ser implantado. “Queremos ter noção do número de fumantes, dos locais que eles utilizam para isso e, paralelamente, fazer um pequeno regulamento, explicando o porquê e sinalizando a data de início. Não vai ser nada de um dia para o outro, não teremos uma sociedade livre de fumo por imposição”, afirma o coordenador.

O oncologista sabe, entretanto, que essa não será uma tarefa fácil, principalmente pela suposta perda de direitos individuais alegada por alguns fumantes. “Temos de deixar o tabagista consciente de que ele está prejudicando seus colegas. Até porque, se ele faz isso na UFRGS, deve fazer também em casa, colocando em risco a saúde de sua família”, reforça.

A fumaça dos outros – Os principais beneficiados pelas novas medidas não são os fumantes, mas sim aqueles que involuntariamente são contaminados pela fumaça. O coordenador do projeto Viva Mais enfatiza que ela contém cerca de 50 substâncias capazes de causar câncer em seres humanos.

Mesmo após a fumaça ter-se dissipado, o ar continua contaminado. Por isso, os “fumódromos” não serão permitidos na Universidade. “Seria necessário um exaustor com a potência de um furacão para eliminar as partículas, pois não existe nível de concentração seguro”, explica Daudt. A coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências Pneumológicas da Faculdade de Medicina da UFRGS, Marli Maria Knorst, acrescenta que, mesmo em ambiente externo, o tabagista pode contaminar seus colegas se o local de trabalho for pouco ventilado, pois ele continua exalando substâncias prejudiciais, apesar de em pequena quantidade.

Na UFRGS, conforme pesquisa realizada em 2005, 10% dos docentes e 15% dos alunos e dos servidores são expostos à fumaça do cigarro em casa ou no trabalho, sendo que a maioria por mais de três horas diárias. Ao se estabelecer um ambiente livre de fumo, o primeiro resultado será a melhoria na qualidade de vida e o menor risco de adoecer por parte dos não fumantes. “A contaminação do ar pela fumaça pode causar alergia, irritação dos olhos e da garganta, obstrução nasal e agravamento de doenças como a asma, diminuindo a produtividade do trabalho”, refere a médica. Alexander Daudt acredita que a iniciativa levará à diminuição do fumo: “Isso

para muitos é o gatilho para iniciar o processo de cessação do vício, ao qual a equipe do DAS dará apoio”, esclarece o médico.

Lazer e cigarro – É difícil ir a bares e restaurantes e não ver alguém fumando, mesmo nos ambientes fechados. O cigarro está fortemente associado a momentos de lazer e diversão. A adoção de uma forma mais branda da lei no Rio Grande do Sul agrada a entidades como o Sindicato de Hotelaria e Gastronomia de Porto Alegre (Sindipoa), que temia a redução no número de clientes nos estabelecimentos.

Algumas casas já começam a se adequar às novas regras. O Dublin, localizado na Rua Padre Chagas, é um dos tantos lugares enfumaçados das noites porto-alegrenses que aos poucos vai mudando esse perfil. Administradora do bar, Fernanda Gomes reconhece que se fuma muito lá, mas que agora vem sendo feito um trabalho educativo com os clientes. “Removemos os cinzeiros da área interna e colocamos placas informativas. Quando o cliente ainda assim acende um cigarro, pedimos – gentilmente – que o próximo seja fumado na área externa, pois estamos nos adequando à nova lei”, explica.

Fernanda ficou surpresa com a reação do público: a maioria aprovou, inclusive os tabagistas, que dizem estar fumando menos quando vão ao estabelecimento. “Óbvio que não desejamos estimular hábitos que fazem mal à saúde, mas também não queremos afastar quem opta por fumar”, diz a administradora.

A operadora de turismo Ana Cláudia Remacha, fumante há 13 anos, é uma das que não se sente prejudicada pela lei: “A gente deve ter consciência de que nem todos suportam o cheiro e a fumaça do cigarro. Ninguém vai deixar de fumar por isso, mas, no meu caso, já vai ser uma ótima maneira de reduzir o consumo”, diz. A estudante de Psicologia da Esade Luciana Silveira compartilha da mesma ideia, apesar do costume de fumar em ambientes fechados. “Achei a lei muito boa, porque até eu me incomodo com a fumaça e o cheiro ruim”, confessa.

Enquanto o governo do estado não define as multas e punições para quem não cumprir a nova lei, os não fumantes aguardam o início efetivo da proibição. “Eu me sinto mal com a fumaça, pois tenho rinite alérgica. Espero que os lugares criem áreas abertas nas quais se possa fumar, para que todos saiam confortáveis”, comenta a estudante de Turismo do IPA, Sheila Franceschi. A pneumologista Marli Maria Knorst também espera pela regulamentação da lei estadual: “Aqui, infelizmente, nada acontece se não houver uma punição. Essa nova lei, na verdade, reproduz em muitos pontos as leis anteriores. O importante é haver uma fiscalização para que funcione!”.

Luciane dos Santos Costa, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Dos índios às multinacionais

Quando os “descobridores” europeus chegaram às Américas, não encontraram apenas matas a serem desbravadas: foram apresentados aos nativos e aos seus costumes. Um deles, relacionado a rituais e crenças, era o consumo de uma planta originária dos Andes, o tabaco. Os navegadores logo aderiram ao hábito, utilizando o fumo como distração para as longas viagens. Logo foram atribuídas à *Nicotina Tabacum* propriedades curativas – das dores de cabeça às úlceras cancerosas. Ao chegar a Portugal, o produto já era um sucesso e, a partir daí, não levou muito tempo para se espalhar pelo mundo.

Um nome importante nessa expansão foi o do francês Jean Nicot, embaixador em Portugal no século XVI. Ele enviou uma remessa do produto à corte francesa, a fim de tratar as enxaquecas de Catarina de Médici. Enquanto isso, o rapé (pó feito das folhas do tabaco torradas e moídas) popularizava-se na Espanha, assim como o cachimbo na Inglaterra. Os charutos primitivos feitos pelos portugueses alcançaram, com as navegações, a China, o Japão e as Filipinas.

Para abastecer o mercado mundial, as colônias – como o Brasil – passaram a produzir fumo em larga escala, utilizando a mão de obra escrava. Com o tempo, as plantações se expandiram pelo país, chegando à Região Sul – atualmente a maior produtora de tabaco, cujo cultivo envolve mais de 140 mil famílias no plantio. Ao longo do século XX, as pequenas empresas familiares foram substituídas por grandes fábricas, principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul. No último ano, só a Souza Cruz, pertencente à multinacional British & American Tobacco e detentora de 62,1% do mercado nacional, produziu 78,8 bilhões de unidades de cigarros.

O futuro da história do cigarro poderá ser alterado com a nova legislação. Muitos dizem, inclusive, que a versão mais leve do legislativo gaúcho se deve à força da indústria fumageira no estado. O que é preciso, segundo o oncologista Alexander Daudt, responsável pelo projeto Viva Mais da UFRGS, é uma mudança de comportamento intencional para que seja reduzido o número de mortes causadas pelo vício, calculado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 4,9 milhões/ano e com tendência a aumentar.



Saída da aula: Carlos Urbim, Berenice Mércio, Fernando Albrecht, Maria da Graça Fusquine e Tânia Krustke (já falecida)



ARQUIVO PESSOAL DA TURMA

Formatura: homens na fileira de cima, primeiro à esquerda, Roberto Brenol Andrade, no meio, Renato Peixoto; fileira do meio, na ponta direita, Terezinha Turcato (já falecida), na outra ponta, à esquerda, Genoveva Sprinz; fileira da frente: a segunda à esquerda é Vera Regina Morganti, ao lado, Inês Ghnato Wilson, e a última é Berenice Mércio

Volver a 1969

Memória

Primeira turma de Jornalismo formada pela UFRGS após a exigência do diploma celebra 40 anos

Os anos 1960 foram um período de transformações em todo o mundo. No Brasil, os últimos anos da década marcaram a fase de chumbo da ditadura militar, quando o engajamento político de combate ao regime estava vinculado diretamente à vida acadêmica. Na época, o curso de Jornalismo funcionava no prédio da Filosofia, no Câmpus Centro. O principal foco de manifestações universitárias do estado concentrava-se no diretório estudantil da faculdade, o Franklin Delano Roosevelt. “Nosso momento de UFRGS foi sério, mas extremamente descontraído. Tínhamos um grande respeito pelos colegas e pelas várias tendências políticas que existiam na turma”, conta Berenice Mércio, que hoje trabalha na área de turismo. Entre outros nomes que figuravam na lista de chamada estavam Juarez Fonseca, Gilberto Leal, Roberto Brenol de Andrade, Ademar Vargas de Freitas, Letânia Menezes, Vera Morganti, Maria da Graça Fusquine e Carlos Urbim, atual patrono da 55.ª edição da Feira do Livro. Com a exigência de um curso superior para exercer a função de jornalista a partir de 1968, a turma foi a primeira a formar-se após a obrigatoriedade do diploma.

Depois da formatura, a vida levou cada um para um lado. Foi a tecnologia que possibilitou que a turma retomasse o contato. Hoje, eles possuem uma rede em que todos se comunicam por email. “Nosso reencontro virtual tem sido muito bom. É como voltar no tempo. Dois anos depois de formada, me mudei para São Paulo e de lá fui para os Estados Unidos. Voltava a Porto Alegre apenas uma vez por ano, no Natal. Não havia

tempo para os amigos, era só a família”, diz Maria da Graça Fusquine, que fez carreira como redatora publicitária.

Da reaproximação virtual surgiu a ideia do reencontro. Em julho passado, alguns deles se reuniram em um hotel de Porto Alegre durante a estada da colega Inês Ghnato, que reside nos Estados Unidos. Uma nova reunião deverá ocorrer em dezembro. “Minha expectativa é a de encontrar novos amigos, pois, apesar de termos estudado juntos há 40 anos, nossas trajetórias nos fizeram pessoas diferentes do que éramos naquela época”, afirma Maria da Graça.

Lembranças inesquecíveis – Passadas quatro décadas desde a formatura, certas coisas são consideradas inesquecíveis. A lembrança mais forte que Maria da Graça guarda dos tempos de faculdade é dos colegas. “Carlos Urbim, Vera Regina Morganti e eu éramos inseparáveis e passávamos as aulas trocando bilhetes com comentários sobre tudo. Mais pareciam crônicas sobre o cotidiano, e os tenho guardados até hoje. Roberto Brenol, apesar de casado e com filhos, e de ir à faculdade de terno e gravata, era sempre bem-humorado e tinha uma piada para todos.” Para Berenice, os amigos também são a melhor recordação: “Um dos fatos que me marcou em sala de aula foi a chegada do Urbim de Santana do Livramento. Ele trazia uma aura interiorana, mas uma força tamanha. Para nós, ele não é o Urbim nem o Carlos, é o Carlinhos. Eu me considero uma privilegiada por ter convivido com todos eles”.

Durante o curso, Carlos Urbim trabalhou como estagiário na Rádio da Universidade. Depois, foi contratado como produtor e, durante duas gestões, assumiu o cargo de diretor. “Eu incentivava muito a participação de estudantes nos programas da Rádio. Alunos de jornalismo, grupos independentes de poesia, projetos literários, enfim. Além disso, havia dois estagiários que produziam um programa de música popular, o que era um grande desafio em uma Rádio com programação predominantemente erudita”, explica.

As questões políticas também estão presentes

na memória. Na época, a Universidade era um cenário em que a repressão política era muito grande. “Todos tínhamos algum tipo de engajamento político. Mas ninguém tanto como Joyce e Letânia. E, com raras exceções, todos trabalhavam”, relembra Maria da Graça.

Roberto Brenol, atual editor de opinião do Jornal do Comércio, conta que, apesar do período ter um forte teor ideológico, muitos estavam focados em construir uma carreira. “Naquele tempo, cursar uma universidade era garantia de futuro.” Por conta da turbulência política, muitos na turma eram contrários à realização de uma formatura. “Eu fui um dos que defendi que houvesse uma cerimônia. Principalmente pela família, que esperava muito aquilo. Além disso, seria a única graduação de muitos ali”, afirma Brenol. A celebração aconteceu em março de 1970.

Disciplinas anacrônicas – Alguns mestres da UFRGS são lembrados até hoje. O mais citado é Sílvio Duncan, poeta e crítico literário, que pertenceu ao grupo Dom Quixote na década de 1960. Santos Vidarte, que lecionava fotografia, e Ernesto Corrêa, que era diretor dos Diários e Emissoras Associados, também são referência.

A disciplina de taquigrafia (sistema de escrita abreviada que utiliza sinais tirados da geometria, como retas e círculos) era considerada o terror entre os estudantes de jornalismo. “Era muito chato, uma disciplina totalmente anacrônica. Todos os alunos já sabiam utilizar gravador. Até hoje lembro de coisas que aprendi e que não me serviram para nada”, brinca Urbim.

Apesar de terem ingressado no mesmo ano na Universidade, por um motivo ou outro, vários dos colegas não se formaram naquele ano. O atual patrono da Feira do Livro teve de repetir a disciplina de História do Brasil e só pôde concluir o curso no ano seguinte: “Eu bem que tentei convencer a professora, mas não teve conversa”, brinca. Juarez Fonseca, um dos jornalistas culturais mais respeitados do estado, também não se formou naquele ano. Ele desentendeu-se com o professor de Técnica de Jornal e concluiu o curso apenas em

1971. Por isso, ele e Urbim presenciaram a reforma universitária de 1970, que transferiu a faculdade de jornalismo para o novo prédio, situado na rua Ramiro Barcelos. A proposta dos militares com a reforma era separar cursos que tinham maior tendência de esquerda. Maria da Graça Fusquine foi outra que não se formou com a turma. “Eu esperava coisas mais profundas, mas os professores em geral eram muito ruins. Como deixei de fazer a prova final de História Geral por uma desavença com a professora, não me formei com a turma e fui terminar o curso na USP.”

Em defesa do diploma – Até 1967, ano em que ingressaram na faculdade, não havia exigência do diploma para exercer a profissão de jornalista, e muitos deles já tinham experiência na área. É o caso de Roberto Brenol, que trabalhava em redação e havia sido correspondente de guerra no conflito de Suez (disputa entre Israel e Egito pela posse do canal que dá acesso ao comércio oriental). Segundo ele, àquela época já havia uma diferenciação no mercado de trabalho entre os que possuíam e os que não possuíam o diploma. Por isso, quando retornou de Suez, sentiu a necessidade de uma formação para seguir na carreira de jornalista. “Eu sou um defensor da formação em jornalismo. Mesmo já tendo uma carreira antes de entrar na universidade, eu aprendi muito em toda a faculdade. Havia bastante contestação, mas tudo com muito respeito. Os professores, diferentemente do que acontece hoje, serviam de referência para nós”, conta. Berenice Mércio aconselha os jovens que estão na universidade a continuar frequentando as aulas. “O diploma é um diferencial na capacitação para o mercado de trabalho. A universidade te dá a possibilidade de exercitar a técnica e de ter acesso a todo tipo de informação. Não o diploma em si, mas o fato de ter passado por uma universidade já é um diferencial.” Fica a certeza de que, além do conhecimento e do diploma, a universidade pode guardar boas lembranças.

Cadu Caldas, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Dois pontos

PROJETO DE 86

Todas as palavras paroxítonas e proparoxítonas não serão mais acentuadas! Essa era uma das propostas – que resultou vetada – do anteprojeto de acordo da língua portuguesa elaborado no encontro de maio de 1986 no Rio de Janeiro. Nele estavam representantes de seis países: Portugal, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Brasil. A comissão de Guiné-Bissau não pôde comparecer, e Timor-Leste ainda não se constituía república independente, portanto o português não havia sido elevado à condição de língua oficial – hoje compartilhada com o tétum.

O HÍFEN E O PREFIXO

Sobre o hífen, esse “hipogriфо” que entrevera a

pacata vida dos mortais lusófonos, o Acordo tem outras considerações. Vimos o seu comportamento nos vocábulos compostos na edição anterior. Vamos agora ao caso dos prefixos.

A Base XVI do Acordo delimita a formação por prefixação e sufixação. Obviamente sabemos que prefixos são aquelas partículas de origem grega ou latina, no geral sem vida própria, que se somam aos nomes, modificando-os. São exemplos *ante-*, *anti-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pós-*, *pré-*, *pró-*, *sobre-*, *sub-*, *supra-*, *ultra-*. Há, ainda, os falsos prefixos, de mesma genealogia, que seguem esta base, como *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *auto-*, *bio-*, *eletro-*, *geo-*, *hidro-*, *inter-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *neo-*, *pan-*, *pluri-*, *proto-*, *pseudo-*, *retro-*, *semi-*, *tele-*.

Sobre eles, orienta o Acordo que se empregue o hífen nos casos:

(a) em que o segundo elemento inicia por **h**: *anti-higiênico*, *co-herdeiro*, *extra-humano*, *pré-história*, *super-homem*; *neo-helenismo*, *pan-helênico*, *semi-hospitalar*.

Obs.: como se poderia esperar, há os casos que não se enquadram. E, nas formações com os prefixos *des-* e *in-*, a palavra que se aglutina perde o *h* inicial. Daí termos *desumano*, *inábil*, *inumano*.

(b) em que o prefixo ou pseudoprefixo termina com a **mesma vogal** com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico*, *contra-almirante*, *infra-axilar*, *auto-observação*, *micro-ondas* (agora com hífen!), *semi-interno*.

Obs.1: nas formações com os prefixos *co-*, *pre-*, *re-*, estes se aglutinam com o segundo elemento, mesmo quando iniciado pela mesma vogal: *coordenar*, *reescrever*.

Obs.2: por não haver a repetição da vogal, a palavra *infraestrutura* perde o hífen.

(c) Nas formações com os prefixos **hiper-**, **inter-** e **super-**, quando compostos com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado*, *inter-resistente*, *super-romance*.

Só não me pergunte onde fica o Alegrete! Até a próxima!

Antônio Falcetta, revisor de textos
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br



Ensino

Duas graduações em Engenharia da UFRGS, que iniciam em 2010, prometem aquecer o desenvolvimento do país

Cada brasileiro consumiu em 2008, em média, 2.234 kilowatts de energia elétrica por hora. Esse dado compõe o Balanço Energético Nacional deste ano elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), ligada ao Ministério de Minas e Energia. O documento comprova também que fontes de energia como o gás natural e produtos da cana de açúcar ampliaram sua fatia na matriz brasileira. Personagem de acaloradas discussões sobre os rumos da sua prospecção, o petróleo participou com 5,6% a mais da oferta interna de energia em comparação ao ano de 2007, atingindo 252,2 milhões de toneladas.

Tratar de energia significa discutir desenvolvimento. As informações do relatório confirmam a preocupação com o gerenciamento adequado de toda a problemática que envolve a questão no Brasil, país acostumado aos infortáveis "apagões". Por isso, a partir do ano que vem, a UFRGS vai preparar profissionais que possam dar conta de administrar a produção, a distribuição e o uso apropriado das mais diversas formas de energia.

A já consolidada pós-graduação no campo energético motivou docentes ligados a essa área na Universidade a criar o curso de Engenharia de Energia, a fim de formar o acadêmico a partir da graduação. "Quem for trabalhar numa concessionária ou numa empresa geradora de energia precisa de uma formação maior do que a oferecida na engenharia elétrica ou na mecânica ou na produção, mesmo que o tema 'energia' esteja presente em todas elas", afirma a professora de Engenharia Mecânica da Universidade Adriane Petry, integrante do grupo que encabeçou o projeto. De acordo com ela, o aluno poderá decidir em qual ramo de energia vai se focar, a partir das disciplinas eletivas oferecidas. "Como o mercado é bem amplo, ele vai poder seguir o caminho das

energias alternativas, ou de combustão, ou de energia elétrica, por exemplo, além, é claro, da área de conservação", adianta.

Até aí, a base é preparada pelos três anos de grade comum e obrigatória do curso, regados a muita Física e Matemática. O objetivo desse tipo de formação é colocar no mercado homens e mulheres aptos a entender o todo, desde a geração, a distribuição, chegando até o consumo da energia. Grandes empresas consumidoras necessitam de profissionais para gerenciar a circulação da energia internamente, o que explica a relação do curso com as outras engenharias, num sentido multidisciplinar. "O que a gente percebeu é que, realmente, um profissional com uma visão mais integrada dessa área do conhecimento pode contribuir para o uso correto e para a geração adequada de energia", finaliza Adriane.

Além da possibilidade de emprego no setor industrial, os profissionais formados desde 2002 pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) desempenham atividades focadas, principalmente, na sustentabilidade econômica e ambiental, o que fica prometido desde a nomenclatura do curso: Engenharia em Energia e Desenvolvimento Sustentável.

Formado pela UERGS neste ano, Braz Glowacki Junior tem boas expectativas quanto à atuação profissional, apesar das dificuldades que um novo curso enfrenta ao lançar gente no mercado. "Nós devemos provar que estamos aptos a desempenhar atividades de grande importância, tanto no setor de geração quanto na transmissão e distribuição de energia", diz.

Desafio comum – A energia não está sozinha na lista de pautas encarregadas de emplacar o desenvolvimento no país. A alta tecnologia já está nesse barco há um bom tempo e absorve a cada dia mais gente nos centros e fábricas brasileiros. A contribuição dessa área para o progresso material no Brasil se manifesta em segmentos como a Imagem Molecular, que permite o diagnóstico de doenças como o câncer, via análise funcional do corpo do paciente. Por meio de radiações, é possível medir o metabolismo das células de alguém com suspeita da doença antes que o possível tumor crie um nódulo ou manifeste alguma alteração. Verificar o estado do miocárdio de quem sofreu um infarto também já é realidade graças a atividades que envolvem a alta tecnologia. A matéria-prima para

tudo isso está em duas áreas do conhecimento que, a partir do ano que vem, vão andar juntas na Universidade: a engenharia e a física.

O curso de Engenharia Física já existe há 70 anos no mundo e há dez chegou em solo brasileiro na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Os trabalhos para a sua implantação tiveram origem na Sociedade Brasileira de Física, a qual vinha se perguntando de que forma os conhecimentos da Física poderiam ser aplicados diretamente na geração de trabalho, renda e desenvolvimento tecnológico. Na Universidade, a sua implantação se encaixa na proposta do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que visa oferecer aos futuros acadêmicos novas áreas de estudo.

A aproximação com a Engenharia serviu de atalho para abrir esse caminho, pois o currículo do novo curso agrega muitos elementos de Engenharia de Materiais, Elétrica e Mecânica, alicerçado, como na Engenharia de Energia, num denso estudo da Física e da Matemática. Os modelos matemáticos desenvolvidos pela Física podem ser adaptados para modelar, por exemplo, o mercado financeiro, o tráfego em grandes cidades, o crescimento de populações de bactérias. Essa formação multidisciplinar credencia o profissional a atuar em áreas bem diferentes, como no mercado de telecomunicações, de informática, no segmento de energia, no setor aeroespacial, na indústria automobilística, de compressores e de eletrodomésticos. "Onde tem Física, o engenheiro físico pode contribuir", afirma o professor de engenharia física Cláudio Antônio Cardoso, da UFSCar.

E depois? – Se a lista de possibilidades é grande, a de desafios, maior ainda. Formado há quase um ano pela UFSCar, o engenheiro físico Régis Monticeli passa a bola para o mercado, o qual está se familiarizando com o curso. "Tive problemas em vários processos seletivos para estágio que não tinham a opção 'Engenharia Física' no formulário de inscrição. Felizmente, isso vem mudando. Cada vez mais empresas conhecem e reconhecem o curso e a competência do profissional", explica. Essa competência, de acordo com ele, se manifesta em situações de desenvolvimento de novas tecnologias, para as quais é necessário, a todo o momento, encontrar soluções. É aí que o engenheiro físico leva vantagem, pois, durante

o curso, foi bastante exigido. "Temos de passar por matérias de altíssima complexidade, como mecânica quântica e termodinâmica", relembra.

Esse é o aquecimento preparador dos futuros profissionais que vai lhes conferir a competência de resolver dificuldades e de reinventar sempre, sem sofrimento. O professor Cláudio Antônio Cardoso atenta para a preocupação "em formar um engenheiro versátil, capaz de trabalhar com vários tipos de problemas, embora cada curso de engenharia física seja único", argumenta.

Todos saem ganhando – Não são só as empresas de alta tecnologia que têm vantagem com esse tipo de formação. Nos empreendimentos mais tradicionais, ainda há espaços que não são ocupados por profissionais adequados, como nas áreas de acústica e de óptica.

Vale lembrar que a engenharia física não é uma mistura de duas coisas que já existem. Na sua grade curricular há conteúdos específicos, como os que serão englobados pela disciplina de fônica, criada dentro do Instituto de Física da UFRGS. Especialidade que trata de tomar a luz com todas as suas características físicas e suas propriedades para transformá-la em disposições práticas, a fônica é uma das novidades surgidas para atender às necessidades práticas da engenharia física. "A relação é de complementaridade com áreas já estabelecidas, tradicionais da engenharia, unindo a isso um forte embasamento em física, matemática e computação. Com isso, a gente acaba gerando conhecimentos novos, que são próprios da engenharia física", afirma o professor Cristiano Krug, coordenador do curso na Universidade.

Sair com o diploma de Engenheiro está longe de ser o único ponto em comum dos dois novos cursos da UFRGS, que recebem seus calouros em 2010. O desafio de avançar na criação e utilização de ferramentas aplicáveis a problemas simples de todo o dia vai ser encarado com seriedade pela Engenharia de Energia e pela Engenharia Física, pois ambas aspiram preparar, com esmero, seus estudantes. As fórmulas matemáticas dos seus cadernos vão se traduzir em fórmulas para o desenvolvimento do país, que irá depender cada vez mais dessas cabeças.

Maria Elisa Lisboa, estudante do 7º semestre de Jornalismo da Fabico



Especial

A ousada festa da estética

Arte

7.^a Bienal do Mercosul segue o modelo de suas predecessoras: desafiar padrões e subverter modelos

TEXTO DEMÉTRIO PEREIRA
E LUCIANE COSTA
FOTOS FLÁVIO DUTRA

Olhares intrigados é o que mais se vê pelos pavilhões e corredores da 7.^a Bienal do Mercosul. Divididas entre armazéns do Cais do Porto, o Santander Cultural e o Museu de Arte Ado Malagoli do Rio Grande do Sul (MARGS), as sete exposições desta edição, intitulada *Grito e Escuta*, mantêm a tradição de provocar estranhamento. Mas, como alertou o presidente da Fundação Bienal do Mercosul, Mauro Knijnik, na abertura do evento para a imprensa, esta é uma bienal “diferente, não convencional”. Todas as edições, de certa forma, fugiram do convencional (Voltaire Schilling que o diga). Ainda assim, neste ano há novidades. Com um corpo de curadores composto quase completamente de artistas (a exceção é a crítica argentina Victoria Noorthoorn, que forma o par de curadores-gerais com o chileno Camilo Yañez), *Grito e Escuta* tem como vértices mais característicos a interação com o público e a cidade, a proposta de pensar os processos de criação artística e um espaço nunca antes tão vasto para as tecnologias audiovisuais, como filmes, programas de computador interativos e fones de ouvido que pendem do teto.

São sete mostras pautadas por diferentes conceitos: a transparência e a intimidade do pensamento do artista através do desenho (*Desenho das Ideias*, no MARGS); o processo artístico e a relação do artista com as obras (*Biografias coletivas e Ficções do invisível*, nos armazéns A5 e A4, respectivamente); a estranheza e a ideia de instabilidade (*Absurdo*, no Armazém A3); o diálogo com a cidade e o espaço público (*Texto público*, no Armazém A5 e em diversos pontos de Porto Alegre); vídeos e trabalhos de projeção luminosa (*Projetáveis*, no Santander Cultural) e a dinamicidade das obras representada em modificações programadas para ocorrer ao longo da mostra (*Árvore Magnética*, no Armazém A6).

Escambo de desejos - Evidentemente, essas rápidas descrições não fazem justiça à riqueza e à diversidade do que se exhibe em cada exposição. No trabalho *A Grande Troca*, alocado em *Biografias Coletivas*, o francês Nicolas Floch apresenta objetos feitos de madeira que correspondem, em tamanho real, aos desejos materiais de adolescentes do Morro da Cruz: instrumentos musicais e fardamento para uma banda, goleiras e bola para o futebol; de residentes do edifício da Comunidade Autônoma Utopia e Luta: material para a pintura do prédio; e de alunos e funcionários de uma escola do bairro Lami: uma van para suprir a carência de transporte coletivo no bairro.

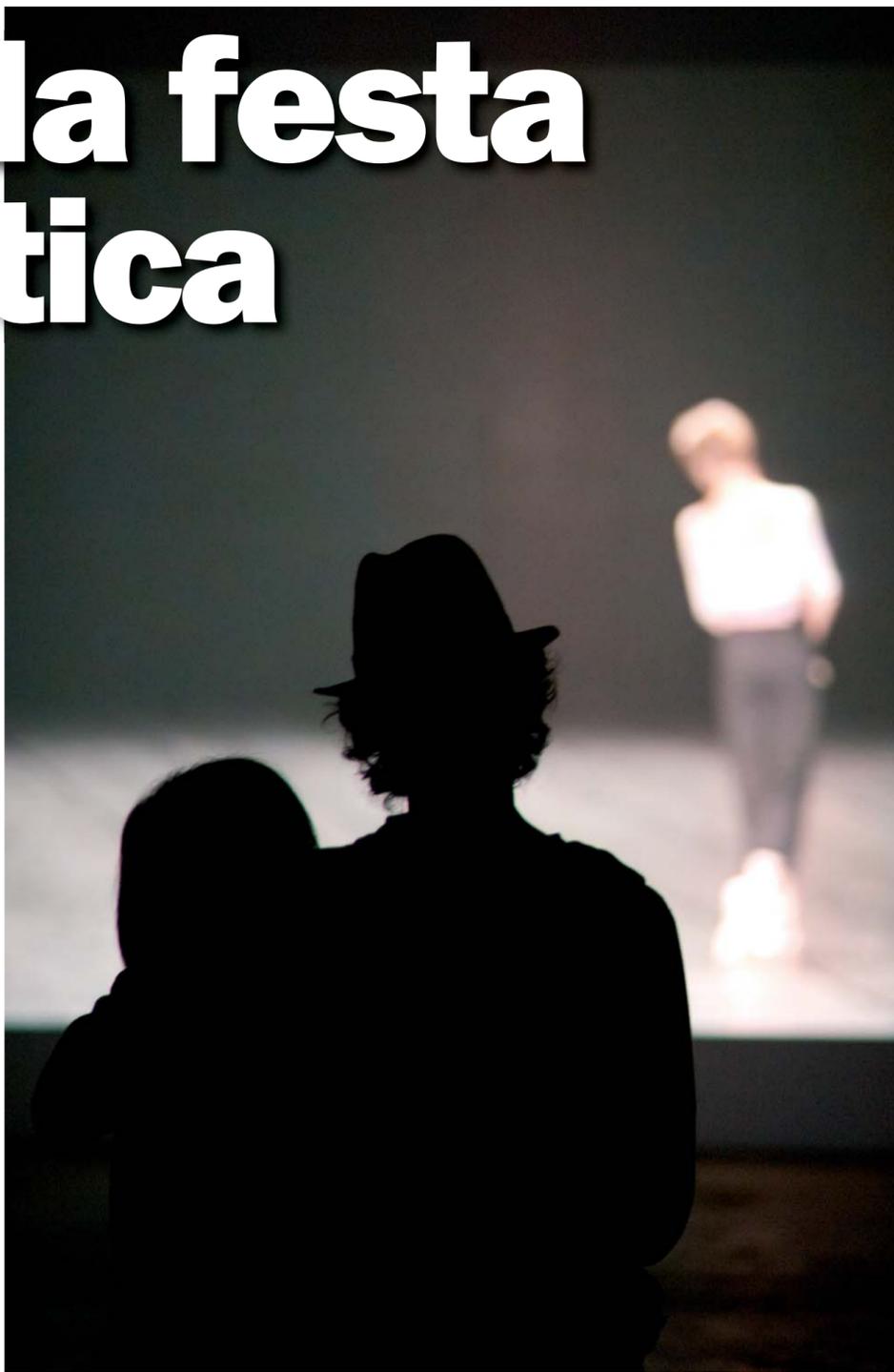
Os próprios entrevistados pelo artista construíram os objetos, e a ideia, que era a de que o público da Bienal os trocasse por seus respectivos “reais”, já está consumada: curadores e representantes de museus trocaram quase tudo, inclusive a van.

Outra proposta que trabalha com a questão do desejo é *Ponto de Gravidade*, do coletivo *Provisório Permanente*, formado pelos argentinos Victoriano Alonso, Eduardo Besualdo, Hernán Soriano e Pedro Wainer. Em locais específicos da cidade, tiras de papel são distribuídas para os passantes. Estes escrevem o que desejam nos bilhetes e os colocam em balões, que são lançados ao céu, carregando anseios anônimos que passeiam no ar até aterrissarem. Como o endereço eletrônico dos artistas está impresso nos papéis, quem encontra as bexigas entra em contato, e os pontos de decolagem e pouso são marcados em um mapa de Porto Alegre situado no armazém A5. Na última vez em que a reportagem do JU esteve lá, um balão lançado próximo ao Mercado Público recém havia sido encontrado em Viamão.

Arte-camaleão - Em cima do Palácio do Itamaraty, o Congresso Nacional. Amontoam-se também o prédio do Ministério da Justiça, o Centro Administrativo de Porto Alegre, a Catedral de Brasília, o Museu de Arte e a Pinacoteca de São Paulo, as logomarcas do Bannisul e da Gerdau. No início da Bienal, a brancura dessas maquetes gigantes, confeccionadas pelo peruano José Carlos Martinat, ainda esperava a tinta dos pincéis e *sprays* convenientemente disponibilizados para o público. Pouco tempo após a abertura à visitação (e participação), esses “símbolos do poder” já estavam completamente coloridos de rabiscos, assinaturas, carimbos, declarações de amor, protestos, desenhos, versos de paz e xingamentos. A cada dia, a obra *Monumentos Vandalizáveis* é modificada por um público cuja espontaneidade costuma ser reprimida por alguns desses poderes, que têm suas casas pintadas no armazém A6 do Cais do Porto.

Em *Árvore Magnética*, trabalhos como o de Martinat passarão por pelo menos dez transformações. Isso tanto insere o tempo no eixo de compreensão das obras como demonstra que a arte não é estanque e convida a um retorno constante do público – “e da imprensa”, completa Mario Navarro, artista chileno encarregado da curadoria da exposição. “Esse conceito foi desenvolvido especialmente para a mostra e busca permitir ao público uma visão mais ampla do período que ela dura”, observa.

Para ele, a proposta está inscrita em uma ideia segundo a qual a Bienal não é apenas entretenimento: “Pensamos que se pode desenvolver conhecimento em função das obras de arte. No caso



Tecnologias audiovisuais ocupam um espaço maior em relação a edições anteriores da Bienal do Mercosul

da *Árvore Magnética*, tem a ver com o fato de o artista sempre estar pensando que sua obra está em desenvolvimento, e não definida”, explica.

O também chileno Diego Fernandez, em *Protocolo Ouro Preto*, articula essas modificações para tratar da responsabilidade política da arte. São diversas salas contíguas, acessíveis apenas depois de a parede que as separa ser derrubada. No interior de cada um desses espaços são exibidos vídeos – na primeira, filmagens de Porto Alegre remetendo, esteticamente, ao documentário *O triunfo da vontade*, em que a cineasta Leni Riefenstahl retrata a convenção do Partido Nazista de 1934; na última, serão mostradas as cenas da depreciação de todas as paredes.

Dialogando com o absurdo - Uma mulher de cabelos compridos enche calmamente copos com um líquido esbranquiçado que escorre de uma concha. A projeção é feita em uma das dunas formada pela areia depositada no armazém A3 por vinte caminhões. Os alunos da Escola Estadual Maria das Neves Petry, de Novo Hamburgo, observam com curiosidade a ação da artista carioca Márcia X, falecida em 2004, e autora de *Cair em si*, que integra a mostra *Absurdo* – uma das que mais impacto causa no público.

Lá, a mudança também faz parte da ordem do dia: o espaço e o suporte das obras se alteram ao longo do evento. Com curadoria da brasileira Laura Lima, a mostra tem como foco a instabilidade que é expressa, por exemplo, nas marcas na areia feitas pelo caminhar dos visitantes e pelas brincadeiras esculturais das crianças, que instigam o questionamento sobre os limites formais da arte.

A organização da Bienal, por meio de seu Projeto Pedagógico, trouxe escolas das redes pública e particular do estado para as dunas do armazém A3. Frente ao absurdo, crianças e adolescentes demonstravam espanto e excitação em relação a imagens tão diferentes do que estão acostumados. A estudante de Novo Hamburgo Miquele Cardoso, ao saber que viria a Porto Alegre para o evento, imaginou algo semelhante às pinturas que vê na telenovela *Caras e Bocas* – a concepção de arte que conhecia até então.

Com o auxílio dos mediadores, os alunos eram incentivados a pensar naquilo que observavam, ao que, com frequência, surgiam questionamentos como “qual é o objetivo desta obra?”. A resposta vinha com um convite à reflexão: “Vocês interpretam!”. Segundo a professora Maria Lucia Cattani, chefe do Departamento de Artes Visuais

do Instituto de Artes da UFRGS, é característica da arte – não só da contemporânea – não ser algo fechado, permitindo diferentes olhares sobre si.

A argentina Marina de Caro, curadora do Projeto Pedagógico da Bienal, esclarece que as crianças devem ter um contato particular com as obras antes de terem sua interpretação mediada: “A proposta é que eles entendam as ideias primeiro, por meio de uma experiência, e, depois, comecem a receber informação. Os próprios professores podem mediar porque eles sabem o que estão trabalhando com os pequenos, com quais áreas podem relacionar: a ideia de transformação do meio ambiente, da geometria, da História... São ferramentas de pensamento, e trata-se de um pensamento transversal, não linear”, considera.

Em relação aos demais visitantes, a mediação leva em conta um observador com olhar refinado: “Procuramos considerar um público que tem conhecimento, que maneja muita informação e que tem a possibilidade de falar. Promovendo um trabalho com fichas práticas, também há como associar as obras a diferentes áreas do saber. Então não é mediar a arte em si mesma, mas sim em diálogo com a realidade, com outras disciplinas, com o saber próprio de cada espectador”.

As vozes do Mercosul têm encontrado muitos ouvidos dispostos a escutar

No concreto da cidade e no intangível do virtual

Uma das características desta e das outras bienais é levar a arte a espaços não convencionais, empreendendo uma invasão da cidade. Claro, há mostras no MARGS e no Santander Cultural, locais cuja função evidente é abrigar exposições, mas as obras ganham também os armazéns do Cais, o Mercado Público, o Parque da Redenção e as ruas da cidade.

O artista pernambucano Paulo Bruscky, no primeiro dia da Bienal, realizou a performance *Poesia Viva*, na qual voluntários vestiram camisetas com letras que formavam palavras aleatórias. No trajeto entre o Mercado Público e o MARGS, a arte invadiu o cotidiano do movimentado Centro de Porto Alegre. Já o antigo palacete Casa dos Leões, localizado na Rua dos Andradas, ganhou novas formas sob a intervenção do paulista Henrique Oliveira. Pelas portas e janelas da *Casa Monstro* – como ficou conhecida a instalação *Tapume* –, se espalha uma massa disforme, semelhante a um tumor. Feita de compensado, ela chama a atenção de quem passa pela calçada.

As intervenções no dia a dia, porém, não duram apenas o período das bienais. Quase todas deixaram monumentos como herança. As “escadarias” (*Cascata*, de Carmela Gross) e o “pier” (*Olhos Atentos*, de José Resende), que se tornaram ponto de encontro na orla do Guaíba, foram presentes de edições passadas, assim como a *SuperCuia*, de Saint Clair Cemin, descrita recentemente pelo diretor do Memorial do Rio Grande do Sul, Voltaire Schilling, como “a exaltação de um superúbere de uma vaca premiada”.

Publicado no jornal Zero Hora, o artigo do historiador, *A Capital das*

Monstruosidades, trouxe para a arena pública uma polêmica nunca resolvida. A crítica à “feição” de alguns monumentos da cidade foi recebida com os aplausos de quem acredita na arte como representação do belo e com as vaias daqueles que defendem a multiplicidade, a provocação e o estranhamento atribuídos à arte contemporânea ainda que a renovação estética também tenha sido promovida pelo Modernismo. Na Bienal do Mercosul, há uma evidente hegemonia da segunda concepção, e é ela que permite a incorporação artística de novos suportes e tecnologias.

A mostra *Projetáveis*, por exemplo,

reúne peças inscritas via Internet. A seleção, inovadora por si só, foi realizada a partir de um edital aberto. Entre vídeos, jogos interativos e performances de VJs e DJs, o requisito era a possibilidade de reprodução na web. Dos mais de 800 candidatas de cerca de cinquenta diferentes países, foram selecionados 19, que ocupam o prédio do Santander Cultural e podem ser vistos pelo site www.bienalmercosul.art.br/projetaveis.

Computadores e projetores parecem uma transgressão, mas a professora do Instituto de Artes da UFRGS Maria Lucia Cattani, que participa

da Bienal na mostra *Desenho das Ideias*, lembra que a arte sempre foi mediada por ferramentas: “O pincel já era uma tecnologia. Quanto a esse uso, que pode ser visto em *Projetáveis*, o tempo vai dizer se permanece ou não”.

Em *Moonwalk*, do tcheco Martin Kohout, por exemplo, vemos uma cena criada a partir de repetitivos carregamentos de imagens vazias do site Youtube, compondo uma pirâmide de barras de *streaming*. Já *Drawing for Filó*, do eslovaco Oto Hudec, reproduz em uma parede o relato de uma cozinheira angolana que mora em Portugal, en-

quanto, simultaneamente, é projetado no chão o desenho de uma paisagem que vai se formando conforme a descrição da entrevistada sobre a aldeia em que cresceu.

Se em anos anteriores as Bienais do Mercosul estabeleceram uma tradição de aproximação com o público, a sétima edição traz no nome essa intenção de comunicação, de diálogo. A “*Grito e Escuta*” não seria exagero acrescentar “Resposta”. Talvez por isso a proposta venha acumulando sucessos de crítica e visitação. As vozes do Mercosul, reunidas em Porto Alegre, têm encontrado muitos ouvidos dispostos a escutar.



Brincadeiras na areia interagem com obras e reforçam ideia de instabilidade proposta pela mostra *Absurdo*, no Armazém A3 do Cais do Porto

Visite a Bienal

Quando: De terças a domingos, das 9h às 21h, até 29 de novembro
Onde: Armazéns A3, A4, A5 e A6 do Cais do Porto, Santander Cultural e MARGS
Site: www.bienalmercosul.art.br

O lado B da Bienal

Até mesmo o que é diferente e desafia os padrões tem o seu lado B. A partir de uma iniciativa de jovens artistas gaúchos, a maioria deles estudantes do Instituto de Artes da UFRGS, foi criada em 2007 a Bienal B. Paralela à do Mercosul, ela está em sua segunda edição e tem alcançado a meta de divulgar a arte regional. Em 2009, são obras de 266 artistas expostas em 38 espaços, que vão de galerias a bares, tendo como centro de convergência um *shopping center*. Assim, o público esbarra na arte e é convidado a dialogar com ela.

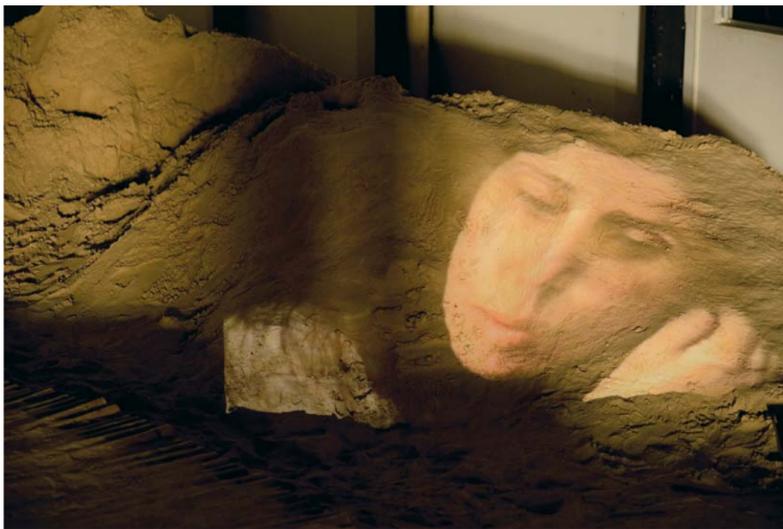
Segundo a curadora do evento, a artista plástica Isabel de Castro, a ideia surgiu da percepção de que havia uma demanda tanto de pessoas querendo expor quanto de um público disposto a acom-

panhar, apesar da recorrente escassez de visitantes em mostras de artes visuais: “Isso está relacionado com a fruição da obra, pois é diferente de um show de rock, em que uma banda pequena toca para milhares de pessoas ao mesmo tempo. A gente ainda não tem essa cultura de que um museu, por exemplo, pode atrair muita gente e que isso terá um retorno. Temos de criar isso”, justifica.

Profissionalizar o artista plástico regional é um dos objetivos mais fortes da curadoria, formada por professoras. A intenção é abandonar o romantismo do ofício e ir atrás de espaço – por isso, cada inscrito deveria articular o local para expor seu trabalho. As propostas que, por algum motivo, ainda não estavam maduras e

não eram bem visualizáveis, receberam um parecer do que poderia ser melhorado e o incentivo a levar adiante o projeto, mesmo que desvinculado da Bienal B.

Vale dizer que a Bienal B não pretende se opor ao grande evento que movimenta a capital gaúcha a cada dois anos. É apenas uma forma de aproveitar a visibilidade de um momento no qual a cidade vive para as artes visuais: “Nós somos um movimento independente e queremos somar. A Bienal do Mercosul é internacional, há uma troca com a comunidade, mas não é propriamente do artista daqui. A Bienal B entra como contribuição para Porto Alegre e para a produção regional”, diz Isabel.



A duna determina os contornos da imagem em *Cair em si*, de Márcia X, e réplicas de prédios públicos são pintadas livremente em *Monumentos Vandalizáveis*, de José Carlos Martinat

A história de uma divisão



Na East Side Gallery (Galeria do Lado Leste), o maior pedaço remanescente do muro de Berlim foi transformado em um imenso mural a céu aberto, onde as pessoas deixam mensagens

Política

20 anos após a queda, o Muro de Berlim ainda é personagem que um dia incorporou o abismo entre duas cidades e o mundo

A parede colorida que contorna a rua Mühlenstrasse, em Berlim, mantém-se viva graças a mais de 100 artistas que resolveram pintar ali a sua própria história. Encravado no presente, esse pedaço do passado chama-se *East Side Gallery* (Galeria do Lado Leste), nascida há exatos 20 anos, no momento da morte do seu velho hóspede, o Muro de Berlim.

Naqueles dias, o estado de euforia e a comoção protagonizaram o cenário de uma cidade dividida desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O trânsito, enfim, se tornara livre entre as duas Alemanhas, e a tão sonhada reunificação do país deixaria de ser uma esperança para ganhar o status de fato histórico. “Em outras épocas, tínhamos de nos identificar, passar pela revisão pessoal. No primeiro final de semana após a abertura, fomos novamente a Berlim. Foi engraçado porque o carro passou de uma rua para outra sem problemas: a gente estava na mesma Alemanha, unificada e livre. Algumas pessoas já se encontravam picando o muro e tirando pedacinhos pra vender como *souvenir*”, lembra a bancária aposentada Iria Swarowsky, que durante 40 anos viveu na cidade alemã de Hamburgo e passou por Berlim em novembro de 1989.

Assim como a sua construção, a queda do Muro precisou de uma noite para acontecer. Mas até que isso tivesse efeito real, inúmeras negociações políticas entre os líderes da República Democrática Alemã (RDA) e a forte movimentação popular, como as “Manifestações de segunda-feira”, antecederam a derrubada do paredão berlinense. No entardecer do dia 9 de novembro de 1989, durante uma coletiva de imprensa, o porta-voz do Comitê Central da RDA, Günter Schabowsky, declarou num tom confuso as novas regras sobre viagens e cruzamentos de fronteira. Ele expôs ao público, antecipadamente, a informação da esfera governamental da Alemanha Oriental que autorizava qualquer cidadão a atravessar, em caráter permanente, todos os postos fronteiriços da RDA com a República Federativa Alemã (RFA). Mesmo

carregado de mitos, o episódio foi o estopim para os cidadãos da Alemanha do Leste abandonarem em massa suas casas rumo ao Ocidente. Esse movimento já vinha acontecendo, mesmo sob os olhos atentos e a mira das armas da *Stasi* – abreviação de *Ministerium für Staatssicherheit*, o serviço secreto do Estado da Alemanha Oriental. A estratégia de muitos alemães foi fazer dos territórios da antiga Tchecoslováquia, da Hungria e da Áustria pontes para alcançar o lado capitalista. Nas 24 horas antecedentes ao 9 de novembro, mais de 20 mil pessoas haviam passado da Tchecoslováquia para a Áustria.

Minada por dívidas bancárias, com a indústria falida e sucateada, a RDA abrigava uma população sedenta por mudanças: em outubro de 1989, as ruas de Leipzig foram tomadas por 300 mil manifestantes, que gritavam por alterações governamentais. Para o professor de História Contemporânea da UFRGS Luiz Dario Teixeira Ribeiro, a formação educacional dentro da RDA contribuiu para o seu próprio fracasso, embora tenha sido esse Estado alemão aquele que, depois da URSS, obteve maior êxito em termos de expectativa socialista. “Na medida em que se resolvem os problemas materiais, surgem outras necessidades que vão além dessas, e então houve certa incapacidade. O próprio sucesso da RDA gerou essa incapacidade. E ela falhou”, explica.

Uma ilha em mares socialistas - Erguido em 1961, a fim de dividir uma cidade e o mundo, o conjunto de concreto, arame farpado e casas de vigilância não foi capaz de sustentar um regime que tinha no Estado o controlador de todas as engrenagens. O muro de Berlim demarcava onde terminava o Ocidente e iniciava o Oriente, dentro de uma cidade que encarnava, ao mesmo tempo, o abismo entre as duas Alemanhas e entre o mundo bipolar da Guerra Fria. De um lado, o universo multicolor, alto e livre, prometido pelo capitalismo dinâmico. De outro, a disciplina, a igualdade e a segurança anunciadas pelo regime socialista. Dario argumenta que, desde o bloqueio de 1948 até a queda do muro, a cidade foi instrumento de uma grande operação psicológica. “Berlim era uma vitrine e uma sociedade virtual. Ela foi utilizada como o ideal do tipo de mundo ocidental para a Alemanha Oriental. Era uma cidade irreal”, diz.

Nach der Mauer (depois do muro) - O desejo de pôr fim às barreiras regionais, somado à insustentabilidade do regime herdeiro de Stalin, empurrou o muro abaixo, mas também sinalizou um difícil recomeço e o início de um caminho inseguro. A reunificação do Estado alemão se deu a passos largos e custou caro. Após a retirada das forças militares que controlavam o lado ocidental e o desman-

Memórias da separação

A professora de História alemã Hilde Müller acompanhou de perto a atmosfera de Berlim à época e conta que a separação concreta dentro do espaço urbano significava uma prisão a céu aberto. “A presença de um muro que divide um povo único era terrível. Do lado socialista, havia controle, repressão. Era uma ditadura. Os funcionários da *Stasi* eram verdadeiros criminosos. Eles prendiam e torturavam pessoas inocentes, causando danos irreparáveis a suas vidas.”

Relato semelhante é feito por Iria Swarowsky sobre o momento em que visitou Berlim pela primeira vez: “Eu estava do lado ocidental e um menino estava parado com as mãos para baixo, em posição de sentido: era a Alemanha Oriental, era Berlim Oriental. Apenas uma rua nos separava. Do nosso lado, tudo era livre, havia compras pra fazer, as lojas. Tudo era colorido, bonito. Bastava atravessar a rua. E o outro lado parecia triste, as pessoas não andavam alegres, as casas não apresentavam pinturas. Isso me chocou muito. Essa diferença era muito grande. As pessoas tinham medo de falar. A gente cumprimentava, e elas já olhavam desconfiadas”, descreve.

telamento do bloco socialista, inúmeras questões se apresentaram para a República Federal Alemã, que sofreu um acréscimo populacional de 20% e territorial de 30%. Conforme Dario, a grande consequência desse processo, para a Alemanha Ocidental, foi o fortalecimento de determinadas empresas, que acabaram comprando, a preço de liquidação, ativos de firmas do lado oriental, além de tomarem posse dos seus segredos empresariais.

Muitas indústrias se aproximavam da falência, e a rua foi o destino da grande maioria dos seus antigos funcionários, acostumados a uma estrutura de trabalho estável. Até 1992, um terço dos alemães orientais perderam seus empregos. Se a reunificação significava acelerar o ritmo de produção e de consumo em ambas as Alemanhas, competir sob a égide do *laissez faire* capitalista teria sido inviável para as indústrias alemãs do lado oriental sem a interferência da sua “irmã mais velha”. A fim de lançar seus produtos no mercado internacional, as empresas da RDA foram amplamente subvencionadas pelo ocidente, sofrendo, ao mesmo tempo, forte processo de privatização. Quem acabou financiando grande parte dessa reformulação foram os bolsos dos alemães ocidentais, dos quais era descontada mensalmente uma quantia destinada à reorganização do país. Além

disso, o aumento do aparelho do Estado, tanto no território ocidental quanto no oriental, dependia de altos investimentos. Conforme explica Iria, “o dinheiro que eles arrecadavam dava para as necessidades emergenciais, novas estradas, novas pinturas que há anos não vinham sendo feitas. Tinha-se de mudar tudo. Não adiantava dar um trem novo. Era necessário reformar os trilhos”.

No que diz respeito ao poder militar, ao reincorporar o seu antigo lado socialista, a Alemanha Ocidental levou para casa um considerável volume de armamentos – principalmente mísseis – que estavam no mínimo dez anos adiantados em relação aos armamentos da Organização do Tratado do Atlântico (Otan). Dario salienta que “esses equipamentos da Alemanha Oriental, desenvolvidos com engenharia própria, eram superiores aos da própria União Soviética”.

“Direito, Unidade e Liberdade” hoje integram o hino da Alemanha, entoado por cidadãos que, entre 1945 e 1989, não compartilhavam da mesma nação. O grito popular “*Wir sind ein Volk!*” (Nós somos um só povo!) exprimia, assim como aquelas três palavras, a vontade da reunificação. A tarefa de levar o modo de vida da Velha Alemanha para o leste, entretanto, imprimiu mudanças ainda palpáveis nas gerações que se seguiriam ao novembro de 89. Do ponto de vista político, Dario explica que os alemães orientais ficaram deserdados, além de perderem os direitos sociais e o emprego para a vida toda. “Eles passaram a sofrer preconceito por parte dos alemães do ocidente e do Estado, que os consideravam cidadãos de segunda classe”, conclui. Hilde Müller afirma que “o muro ainda existe na cabeça de muita gente, em diversos lugares, até mesmo por toda Berlim. Vai demorar muito para que os alemães sejam um povo de fato”.

Duas décadas depois da derrubada do muro, Berlim pretende recontar essa parte do seu passado por meio de inúmeras exposições, palestras e ações populares. A campanha *20 Jahre Mauerfall* (20 anos da Queda do Muro) é o grande tema deste ano na capital alemã. Ao longo de 2009, estudantes e artistas conceberam aproximadamente mil peças gigantes de dominó, que representam a Festa da Liberdade pela derrubada do muro. Perfiladas por cerca de dois quilômetros, essas peças, que atravessam pontos como o Portão de Brandemburgo e *Potsdamer Platz*, foram feitas para cair, todas juntas, no dia 9 de novembro. Parece que *East Side Gallery* não é a única personagem encarregada de contar esse importante capítulo da história mundial: Berlim inteira se transforma num grande e festivo museu a céu aberto.

Maria Elisa Lisboa, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



Notas doloridas

Arte & Saúde
Doenças causadas pela prática da música foram tema de evento do Instituto de Artes

Apesar de a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2006 apontar quase 120 mil músicos eruditos em nosso país, são raros os estudos sobre as doenças funcionais a que estão sujeitos. No dia 7 de outubro, o Instituto de Artes (IA) da UFRGS, em parceria com o Grupo de Pacientes Artríticos de Porto Alegre (Grupal), realizou o I Encontro Rio-grandense de Medicina do Músico. A iniciativa, inédita no estado, recebeu o apoio de alunos e profissionais da saúde que por lá passaram.

Os problemas que os esportistas costumam apresentar são alvo de análises médicas há mais tempo – em 1962, por exemplo, já existia a Federação Brasileira de Medicina Desportiva. Tratamentos direcionados especificamente aos músicos, porém, compõem uma área muito jovem da Medicina do Trabalho. E isso não é à toa: gerações de professores e alunos foram ensinadas a considerar a dor como necessária ao aprimoramento técnico de um instrumentista. A consciência de que a prática da música exige condicionamento físico e um método de ensaio adequado está apenas sendo construída.

No pain, no gain – Existem relatos desde o século XVIII sobre as doenças que os músicos eruditos usualmente desenvolvem. Contudo, os primeiros trabalhos científicos sobre o tema surgiram apenas na década de 1970, nos Estados Unidos e na Europa. A fisioterapeuta e musicista Annemarie Frank, uma das organizadoras do Encontro, afirma que a pesquisa nessa área ainda é escassa e precisa ser aprofundada. “Trinta anos é muito pouco tempo para a Medicina, e o caso do Brasil é mais grave porque aqui isso é mais recente ainda”, lamenta.

Hella Frank, sua irmã mais velha, coordena o Programa de Extensão do Departamento de Música do IA há 15 anos e também participou da organização do evento. Ela conta que “ainda hoje professores negam a existência de problemas de saúde relacionados ao estudo da música, pois se baseiam na ideia de que sem dor não há sucesso”. Crença totalmente equivocada – na realidade, práticas excessivas de estudo normalmente trazem diversas complicações

aos músicos. Foi o que aconteceu com Hella 25 anos atrás, quando estudava Música no IA: “Eu estava preparando um recital de violino extremamente difícil, que exigia uma abertura e uma força muito grande na mão direita. O meu ensaio foi exagerado e tive uma tendinite. Como não havia uma noção muito boa de como um instrumentista deveria ser tratado, me recetaram imobilização por seis semanas. É claro que, quando tirei o gesso, minha mão estava toda atrofiada. Sempre que ia estudar, voltava a doer e eu tinha de parar de novo. Levei cinco meses até voltar a tocar como antes”.

Annemarie enfrentou um problema semelhante aos 15 anos de idade. “Na época, estava me preparando para um concurso de piano. Mas minha flexibilidade nas mãos não era muito boa, e eu sentia a pressão de estar diante de uma competição. Acabei estudando demais, e isso me causou dores por um bom tempo. Tive de buscar tratamento e só voltei ao nível em que estava ao piano depois de seis meses”, conta a fisioterapeuta.

A música machuca – Quem tratou Annemarie naquela ocasião foi o reumatologista e patologista clínico Carlos Alberto von Mühlen. Presidente do Grupal, ele conhece bem o tema, pois, além de ter cursado Medicina na UFRGS, formou-se em piano pelo IA. O médico afirma que “as doenças mais comuns nos instrumentistas são as relacionadas ao sistema músculo-esquelético, como as tendinites, bursites, distensões de ligamentos e contraturas musculares”.

A fisioterapeuta reforça essa tese e acrescenta: “Depois de ossos, músculos, articulações e tendões, a área mais prejudicada é a auditiva. Os ouvidos de alguém que fica na frente dos trombones em um concerto sofrem muito mais do que os de quem trabalha em uma indústria com protetores auditivos”. Ela comenta que também ocorrem problemas dermatológicos, como alergias ao material do instrumento, e respiratórios, mais comuns em instrumentistas de sopro.

De acordo com o Dr. von Mühlen, os principais fatores de risco para um músico são o estudo por muitas horas ininterruptas, a tensão emocional (responsável por contrações musculares), as mudanças bruscas na técnica utilizada ou de instrumento, além da exigência demasiada dos próprios professores.

Mas, independentemente disso, alguns instrumentos podem causar doenças devido à postura corporal que demandam para serem tocados. “É o caso daqueles que são muito grandes, como o contrabaixo e a harpa”, alerta



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTRIO

Baseados na ideia de que sem dor não há sucesso, muitos músicos ainda negam seus problemas de saúde

Annemarie Frank. Hella, porém, ressalta que o mesmo pode acontecer com os de menor porte. “Por exemplo, o violinista tem de ficar sempre virado para um lado com um braço erguido. Tocar flauta transversal também exige toda uma rotação do corpo.”

Os artigos científicos especializados, segundo o reumatologista, têm assinalado que, numa orquestra, “as cordas são o naipe mais afetado, enquanto os músicos de percussão são os menos acometidos por doenças”. Annemarie concorda, mas faz a ressalva de que “não há como afirmar isso precisamente, pois cada caso é singular”. Opinião compartilhada por sua irmã Hella, para quem a causa dos problemas de saúde de cada um é individual: “Qualquer instrumento

pode gerar problemas. Mesmo um pianista costuma contrair os músculos dos ombros e forçar as mãos para fazer movimentos mais precisos. A questão fundamental é a ansiedade e o grau de envolvimento que a pessoa tem com a música. Alguns tocam de forma tão relaxada que aquilo não parece um esforço. Outros se preocupam tanto em tocar certo, que a preocupação em si já gera tensão muscular”.

Devotos do som – O estudante Lucas Picolli é desses que se envolvem intensamente. Ele está no quinto semestre de Publicidade e Propaganda na UFRGS, mas a sua meta é fazer novamente o vestibular para ingressar no curso de Música. Apaixonado pelo violão clássico, Lucas alterna a teoria musical com a prática. “Tirando a parte teórica, fico umas quatro horas em cima do instrumento”, conta. Essa, porém, é uma rotina dolorida: “Sempre faço alongamentos, mas, mesmo assim, sinto muitas dores nas costas e nos dedos. Quando isso acontece, eu alongo, descanso uma meia hora e volto a tocar. Sei que o ideal seria parar de tocar, mas é muito difícil, a música me chama de volta. Por sorte, nunca tive nada mais sério, como uma tendinite, mas acho que isso vem com o tempo”.

De acordo com Hella Frank, convencer o aluno a estudar da forma correta é justamente a grande dificuldade encontrada pelos professores de música. “A pessoa aprende uma peça musical e quer sair tocando. Mas não

adianta estudar certas técnicas quatro horas, uma vez que o esforço certamente gerará lesão. É melhor separar as partes difíceis de uma peça e tocá-las por apenas cinco ou dez minutos, fazendo isso todos os dias”, ensina.

Talvez a melhor dica para o músico que deseje aprimorar sua técnica de maneira saudável seja ter uma boa percepção corporal. “É preciso ouvir o que o corpo diz, pois, se estiver doendo, algo não está bem”, assegura Annemarie. Hella destaca a importância do preparo físico. “Normalmente o músico não sabe, mas ele precisa fazer natação, pilates, yoga ou qualquer exercício que fortaleça os músculos de sustentação. É preciso ter abdominais e costas fortes para manter a postura necessária à execução de um instrumento”.

O que não deve ser feito, em hipótese alguma, é acostumar-se às dores. Vale observar a biografia do pianista Robert Schumann (1810-1856). Quando jovem, era considerado um grande talento, mas aos 22 anos sofreu um trauma que acabou com a flexibilidade dos dedos anelar e médio de sua mão direita. Para corrigir o problema, o músico criou um dispositivo que os mantinha esticados. Mas foi uma péssima ideia: como decorrência disso, seus membros foram aleijados, e sua carreira, destruída. Então, lembre-se, músico, além das notas, é preciso ouvir o seu corpo.

Ariel Fagundes, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabco

Especialistas alertam para outros fatores de risco

Os problemas de saúde encontrados por um músico podem ter diversas causas. A professora de violino do Instituto de Artes Hella Frank alerta que, muitas vezes, os fatores de risco se associam. “Por exemplo, se o aluno já não tem hábitos de estudo adequados e um dia varre a casa toda ou ajuda a mãe a fazer um bolo, ele pode ficar com dores”, comenta.

A fisioterapeuta Annemarie Frank acrescenta que o ambiente em que o instrumentista ensaia influi diretamente sobre sua saúde. “É preciso cuidar a iluminação, a estante da partitura, o assento e até o volume em que se está tocando, pois, muitas vezes, a razão do problema não está na música, mas em algo bem diferente”, afirma. Hella destaca o episódio de uma aluna sua que desenvolveu uma bursite no ombro não por tocar o violino, mas por carregá-lo. “É o mesmo caso de um

contrabaixista que conheci. Ele tinha sérios problemas na lombar e pensava que eram consequência dos ensaios. Até eram, mas a questão é que ele caminhava mais de um quilômetro com o contrabaixo, que pesa uns 10kg, nas costas”, relata a professora.

Também é preciso considerar que a incidência de problemas é muito maior em períodos de prova e recitais, do que se conclui que o estado psicológico do músico é decisivo. Além disso, é possível que a própria constituição física da pessoa não seja a mais indicada para determinado instrumento – como aconteceu com Annemarie. “Aquele problema aos 15 anos me fez repensar meus planos. Não fui para o lado da música porque talvez minha condição física não fosse ideal para a carreira profissional de pianista. Escolhi a fisioterapia, pois vi que seria possível trabalhar numa zona entre a Medicina e a Música.”



Um acordo de flutuação ortográfica

Pedro M. Garcez*

Neste ano, mais uma reforma ortográfica se abateu sobre todos nós, leitores e, principalmente, escritores em língua portuguesa. Pode ser “um amontoado de regras desordenadas, mal concebidas” (Moreno, *Zero Hora*, 25/10/2008, p. 8), mas agora é fato – com o qual vamos ter que nos conciliar até nos habituarmos com as poucas novas formas.

Mudam poucas palavras, é certo; mas, em se tratando de ortografia, já são muitas. De modo semelhante ao que acontece quando avistamos o rosto de uma pessoa e de chofre sabemos se a conhecemos ou não, os leitores fluentes não compõem pedacinhos de letras e palavras, mas sim veem conjuntos de sinais. E aí as novidades podem atrapalhar. Bem pior, contudo, é ter que pensar sobre o que já era hábito bem-sucedido na hora de redigir.

O ideal mesmo em ortografia é não mexer. E na ortografia da língua portuguesa muito foi mexido, nos mandos e desmandos que desde o início do século passado se fizeram em Portugal e no Brasil, às turras para criar um padrão rígido de grafia, mesmo que à época suas populações fossem analfabetas quase por completo e, portanto, alheias à escrita.

Por esse ângulo, dá até gosto assistir agora a tanta discussão sobre as mudanças na ortografia, pois hoje temos muitos mais leitores e escritores do que à época da reforma de 1971, e dezenas de milhões a mais do que havia quando das reformas de 1945, 1943, 1931, 1911, 1904. Antes disso, eram tão poucos os que liam e escreviam em português que nem havia pressão para uma grafia padronizada, mesmo que a língua tivesse começado a aparecer por escrito já em inventários do século XII.

Curioso é ver como toda a preocupação despertada pela implementação do Acordo fica adormecida quando o cidadão letrado produz e endossa grafias variadas e nada ortodoxas nos tex-

tos que vai encontrando na vida diária. É grande a flutuação ortográfica que se observa nos contatos e contratos comerciais, nas atas de condomínio, por exemplo, na publicidade, e mesmo em textos “revisados”, publicados por editoras, nas placas de trânsito e documentos oficiais, onde nem o Estado segue o que estipula como lei. Nada disso parece causar tanta aflição quanto as poucas mudanças da nova reforma, aplaudida por uns, criticada por tantos outros.

Contudo, é fato que essa nova pequena reforma nunca esteve a serviço de leitores e escritores. E olha que tivemos quase vinte anos para nos dar conta disso! Acordo foi gestado na segunda metade da década de 1980, e o que foi assinado em 2008 foi a sua adoção em definitivo. O texto em si foi redigido em 1990 por notáveis representantes indicados dos então sete países de língua oficial portuguesa, cinco deles africanos, à época mal saídos das lutas de independência, e alguns já em guerra civil. Eram coadjuvantes, portanto, aos quais hoje se agrega o Timor Leste, onde nem no parlamento se fala muito português.

Nenhuma proposta de alteração ortográfica foi sequer emendada desde então. De lá para cá, tudo o que ora se diz podia ter sido dito para sustar a implementação do Acordo, que se previa em vigor já em 1994. A discussão foi acirrada na mídia impressa em Portugal e no Brasil naqueles anos, quando parecia iminente a implementação que só agora acontece. Nada foi alterado.

Ora bem, o Acordo esteve a serviço de interesses muito estritos, como o dos diplomatas que se avexavam todas as poucas vezes em que algum documento importante precisa ser publicado em português em organizações internacionais como a ONU, e não há uma grafia aceita por Brasil e Portugal. Antônio Houaiss, o principal representante brasileiro na elaboração do Acordo, era, entre tantos outros, professor de português, diplomata, depois cassado, por fim tradutor, grande



Salvador Cesari, o palhaço Babalu, foi alfabetizado há um ano, mas diz que ainda “trupica” nas letras

dicionarista e justamente imortal. Os problemas a resolver eram da ordem da política internacional, e Houaiss logrou *soluções diplomáticas possíveis* para os *fins restritos* de resolver a grave questão da duplicidade de grafias oficiais. As soluções possíveis, forjadas nos anos 1980, quando mal surgiam as tecnologias que hoje nos rodeiam, certamente não foram as melhores,

O Acordo esteve a serviço de interesses muito estritos, como o dos diplomatas

nem foram testadas tecnicamente, nem deliberadas democraticamente.

A solução mais simples de todas, aceitar as duas normas da nossa língua bipolar, não prosperou. Temos, então, um acordo de aproximação ortográfica e, de lambuja, um amontoado de regras que talvez resulte em ainda mais flutuação ortográfica, agora com promoção oficial. Isso é bem ao gosto dos que, para brandir exclusão, vivem de ditar e julgar o que é certo e errado na língua, servindo-se da crença de que a escrita é a língua, e de que a ortografia é a escrita.

E de novo é curioso que caiba à

Academia Brasileira de Letras, de costas para os fatos e para a reflexão que se faz sobre a língua em diversas outras instituições mais democráticas, a prerrogativa de ditar o que é certo e errado. Foi lá, em cerimônia no Salão Nobre do Petit Trianon, que o Presidente Lula assinou a promulgação do protocolo de modificação e regulação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, dizendo que assim o Brasil se reencontrava “com suas raízes mais profundas”, referindo-se quicá às por certo valiosas alianças com Portugal e a África de língua oficial portuguesa.

Pois mesmo a ABL tem dificuldade com a “nova” regra do hífen, que reza que devem ser aglutinadas as palavras compostas “quando se perdeu, em certa medida, a noção de composição”. Quem sabia que tinha uma tal noção de composição antes de perdê-la, em certa medida? Parece brincadeira, mas é coisa séria, assunto para muitas agendas, colunas e consultórios gramaticais. É pena que o Acordo, que era de *unificação*, resignou-se a ser de *aproximação* e parece nos encaminhar para ainda mais *flutuação* ortográfica.

Em alguns pontos, o Acordo até desune as grafias brasileira e portuguesa: palavras como “recepção”, antes grafadas de modo idêntico em ambas as normas, passam a ter grafia “nacional” distinta conforme a pronúncia, e assim os portugueses devem deixar de grafar o “p” que para eles é mudo. Além disso, pelos protestos contra a

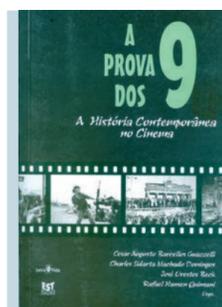
“brasilianização” do idioma, é duvidoso que os portugueses aceitem os verbetes e revisões expedidos pela ABL nesses primeiros meses da açodada implementação a solo do Acordo no Brasil. Em Portugal, vão continuar escrevendo espargos, imans e Moscovio; aqui, aspargos, ímãs e Moscou.

Mas isso é o de menos, o que importa é que agora todos vamos poder achar que temos uma língua internacionalmente aceita, com duas ortografias aproximadas, mas oficiais, ainda que em bravia flutuação. Ainda bem que hoje temos corretores ortográficos eletrônicos. As versões eletrônicas dos textos na velha ortografia, quem puder que as revise para que possam servir para buscas... Mas talvez seja melhor esperar um pouco para investir num dicionário, é o que nos recomenda o oráculo de Pasquale Cipro Neto...

Daqui a cem anos vamos todos ler e escrever, e ninguém mais vai lembrar que ideia e voo tinham acento. Tomara que daqui a cem anos todos os falantes de português tenham acesso à escrita e, principalmente, aos discursos que se organizam a partir dela. Quem sabe assim não haverá mais por que mexer na ortografia por decreto de regras desordenadas. Quem viver verá; nós passarinhos.

* *PhD em Educação, Cultura e Sociedade pela Universidade da Pensilvânia, professor do Instituto de Letras da UFRGS e pesquisador do CNPq*

JU indica



A Prova dos 9 – A História Contemporânea no Cinema

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli et al. (org.)
Suliani Letras & Vida; EST, 2009, 229 págs.
R\$ 20 (valor médio)

Coletânea de artigos produzidos a partir das palestras ministradas no Ciclo de Cinema, História e Educação *A prova dos 9: crises, conflitos e revoluções ao longo da história contemporânea*, realizado no primeiro semestre de 2009 na Sala Redenção da UFRGS. Os “nove” referidos no título dizem respeito aos finais de década marcados por acontecimentos históricos relevantes. Os autores – professores e estudantes de História – usam a linguagem cinematográfica para analisar as visões de mundo que os agentes sociais tinham em relação ao seu passado coletivo. No texto “O Rei está nu... Morra o rei!”, do professor Cesar Guazzelli, o filme abordado é *Casanova e a Revolução*, de Ettore Scola. A história acompanha um encontro imaginário entre Giacomo Casanova,

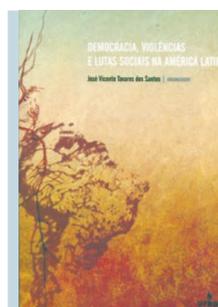
Restif de La Bretonne e Tom Paine, nos dias em que Luís XVI e a família real tentavam fugir de Paris para a Áustria. Marco da Era Contemporânea, a Revolução Francesa é vista pelos olhos de cada um desses personagens, figuras exemplares daquele momento de transição em que novos valores ultrapassam as certezas de uma geração. Na análise de Guazzelli, um quarto personagem resume o antigo regime que ali se encerrava: a roupa do rei, cuidadosamente depositada sobre uma cadeira, enquanto seu dono era levado de volta à capital francesa e dali à guilhotina. Os trajes reais representavam para o povo todos os direitos divinos da nobreza, simbolizando uma sociedade injusta e desigual que se afirmava em direitos e deuses inexistentes. (Ânia Chala)

Práticas de Justiça: antropologia dos modos de governo da infância e juventude no contexto pós-ECA

Patrícia Schuch
Editora da UFRGS, 2009, 296 págs.
R\$ 22 (valor médio)



A infância tornou-se objeto de intervenções sociais no século XX, quando surgiram leis, noções de família, ideologias de governo e, finalmente, a caracterização dessa fase do desenvolvimento. No Brasil, com o fim da Ditadura, chega-se à forma contemporânea de gestão das políticas de atenção a crianças e adolescentes, que passam a ser entendidos como “sujeitos de direitos”, com a proteção integral do estado e da comunidade. Motivada pela sua experiência como socióloga da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do RS (FEBEM, atual FASE), Patrícia Schuch realiza uma profunda análise desse quadro, esquadriando as práticas cotidianas de agentes jurídicos, com a finalidade de contribuir para a expansão dos avanços legais dos direitos no País. (Jaqueline Crestani)



Democracias, Violências e Lutas Sociais na América Latina

José Vicente Tavares dos Santos (org.)
Editora da UFRGS, 2009, 279 págs.
R\$ 30 (valor médio)

Desde o fim dos regimes ditatoriais, os governos da América Latina têm-se esforçado para construir democracias que representem de fato as suas populações. Essa obra, porém, mostra o quanto difícil é atingir esse objetivo sem solucionar as desigualdades de um continente em que a violência norteia as interações sociais. Em *Geopolítica e drogas en el hemisferio occidental: apuntes para una actualización*, o pesquisador Luis Salazar analisa a ineficiência da “guerra às drogas” e o fato de os EUA a usarem como pretexto para atuar militarmente nas nações vizinhas. Os artigos do livro foram apresentados no XXV Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, realizado em 2005 na UFRGS. (Ariel Fagundes)



Leituras obrigatórias

Páginas Ampliadas
- O Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura

Edvaldo Pereira Lima

Ed. Manole, 2008, 486 págs. R\$ 61,20 (preço médio)

A 4.ª edição do livro que se tornou clássico na área traz um capítulo extra sobre jornalismo literário. Segundo o autor, a obra não é destinada apenas a estudiosos, mas a qualquer um que se interessar pelo tema. "A ideia é difundir a cultura desse gênero ainda não consolidado no Brasil", afirma.

Chico Mendes - Crime e Castigo

Zuenir Ventura

Companhia das Letras, 2003, 248 págs. R\$ 46 (preço médio)

O autor pode detestar escrever e fazê-lo só porque não sabe fazer outra coisa, como ele mesmo diz, mas seu talento como repórter e escritor o tornou uma das maiores referências do país. A obra é formada pela reportagem que fez em 1989 e pela revisita, anos depois, à situação da região.

A Sangue Frio

Truman Capote

Companhia das Letras, 2003, 440 págs. R\$ 45 (preço médio)

Considerada a grande obra do autor, o livro conta a história do assassinato (e dos assassinos) da família Clutter, no Kansas - crime que chocou os EUA em 1959. A grande e profunda reportagem de Capote é o modelo para Zuenir Ventura: "Foi a minha inspiração para '1968: o ano que não terminou'".

Revista Brasileiros

A publicação mensal, que já está em sua 27.ª edição, é dirigida por Hélio Campos Mello e Ricardo Kotscho. A proposta da revista é resgatar o jornalismo de autor. Ela tem uma edição *online* no site www.revistabrasileiros.com.br.

Internet

Muitos jornalistas estão usando a Internet para publicar seus textos e fazer jornalismo literário. O *Texto Vivo* foi criado pelos fundadores da ABJL e pretende expandir o conhecimento sobre o gênero no país. Esse objetivo está sendo atingido por meio de exemplos, como o *Narravidas*, espaço criado por ex-alunos para publicar seus trabalhos. www.textovivo.com.br narravidas.wordpress.com

Jornalismo

Contar histórias de forma literária pode ser coisa de repórter, sim, desde que elas sejam verdadeiras

Não se sabe exatamente quando, mas o fato é que em algum momento ele surgiu. Precisar a data de seu nascimento nada mais é do que estabelecer marcos de sua existência, possivelmente mais longa do que muitos acreditam. Como é chamado? Bem, depende. Já recebeu muitos nomes e alguns ainda o mantêm nos diferentes lugares em que se faz presente. No Brasil, dá novos sinais de vida e, gradativamente, volta a ocupar seu espaço. Não que tenha desaparecido por completo, apesar de sua falta ter sido sentida durante o tempo em que andou um tanto sumido. No entanto, é possível que agora esteja próximo de um grande momento. Por aqui, é mais conhecido como *jornalismo literário*.

Sabe-se que, nos Estados Unidos, ainda no século XIX, começou a se esboçar um gênero que, à época, foi denominado "narrativa de não ficção". Durante o século seguinte, essa modalidade de escrita cresceu e amadureceu, encontrando bons autores e um público amplo. A evolução não aconteceu à toa: naquele tempo, a ficção andava em crise por lá. Conquistou, então, espaço privilegiado nas revistas, tornando-se um item importante da indústria do livro. "A partir dos anos 20, os livros de não ficção passaram a vender mais do que os de ficção. A modalidade cresceu também porque se descobriu que havia muito de fantástico, de mágico na realidade", diz Matinas Suzuki Jr., coordenador da coleção *Jornalismo Literário* da editora Cia. das Letras.

Não é difícil entender a fascinação pelo gênero: é humano gostar de uma boa história, ainda mais se ela for bem contada. Se os fatos forem reais, então, feito: poderia falar sobre qualquer um de nós. Para o vice-presidente da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e autor de obras teóricas sobre a modalidade, Edvaldo Pereira Lima, existe uma receptividade natural nas pessoas para o estilo. "Ele é uma escola da narrativa de não ficção que busca a compreensão contextual e humanizada dos fatos, usando recursos narrativos

literários, ou seja, que permitam escrever sobre a realidade de maneira mais envolvente", define. De acordo com o pesquisador, três itens são fundamentais para que uma reportagem seja classificada dessa forma: um mergulho intenso na realidade; a presença de pessoas como personagens, e não meramente como fontes de informação, a partir das quais a realidade vai ser compreendida; e um texto mais elaborado, que respeite o estilo do autor.

Sobrevivendo no Brasil - Na cultura norte-americana, o modelo está consolidado e se faz marcante ainda hoje, seja em jornais diários, revistas ou livros. No Brasil, ele já passou por várias fases e, embora aos trancos e barrancos, vem se fazendo notar, principalmente no livro-reportagem. Segundo Matinas, o jornalismo literário alcançou por aqui um grande espaço no mercado de livros na última década. Ele afirma que as

na Internet". Edvaldo completa: "Hoje, o jornalismo literário está presente nos periódicos e em revistas, como a *Brasileiros* e a *Piauí*, em menor grau".

Seja da forma que for, o fato é que há lugar para esse gênero na imprensa brasileira. "Os veículos devem perceber que uma das saídas para a crise enfrentada pelos periódicos é oferecer matérias com um texto mais humanizado, que venha ao encontro da cultura de contar histórias", defende Edvaldo. O jornalista Zuenir Ventura, um dos ícones do gênero no país, concorda, mas reconhece que hoje é mais difícil fazer jornalismo literário: "Razões industriais tornam essa produção complicada, mas todos querem fazer bom jornalismo, e se os livros-reportagem fazem sucesso é porque algo está faltando na imprensa diária".

Zuenir, que participou de um debate sobre o tema promovido pelo Centro Cultural Itinerante do Banco do Brasil no dia 23 de outubro, na Sala Redenção

Jornalismo de autor - É evidente que, para um homem urbano, ir parar no meio da floresta amazônica provocaria um estranhamento muito grande. E foi exatamente o que aconteceu. Entretanto, Zuenir não procurou esconder esse choque cultural em relação àquela realidade que lhe era hostil. "Quando comecei no jornalismo, o mito da objetividade, aquela bobagem, estava muito presente. Mas o jornalismo literário tem uma carga de subjetividade porque o repórter fica contaminado pelos fatos. Ele deixa a hipocrisia de lado e se mostra", explica. Em "*Chico Mendes - Crime e Castigo*", além de descrever cenas em que era atacado por mosquitos, o autor revela seus sentimentos em relação ao assassinato quando foi entrevistado na prisão: "Senti não só um asco moral, mas também um asco físico, porque ele usava uma dentadura e espumava, e não deixei de registrar o meu asco por ele. Achei que seria hipócrita tratá-lo como se estivesse tudo bem".

Se a questão é polêmica, que tal polemizar ainda mais? Luiz Carlos Maciel, um dos fundadores do Pasquim, que também participou do debate, foi categórico ao defender que o fato de não ser autoral colocou a atividade jornalística em um patamar menor do que merecia. "Todo mundo pode ter qualidade artística, até para escrever um livro de memórias. Por que uma reportagem não pode ter e ser a exposição original de seu autor?", questiona. O jornalista acredita que os autores do *New Journalism* - famoso gênero de narrativa de não ficção criado nos EUA na década de 60 - perceberam essa lacuna. Querendo dar uma nova dimensão a seus trabalhos, Tom Wolfe e Gay Talese elevaram suas matérias ao âmbito da arte, enfatizando a dignidade de sua autoria e utilizando meios de expressão da literatura. Maciel conclui: "Prefiro chamar o jornalismo literário de jornalismo de autor ou jornalismo subjetivo. Para mim, ele é um gênero literário".

Jaqueline Crestani, estudante do 7.º semestre de *Jornalismo da Fabrice*

"Prefiro chamar o jornalismo literário de jornalismo de autor ou jornalismo subjetivo. Para mim, ele é um gênero literário" (Luiz Carlos Maciel)

editoras estão dispostas a lançar nomes e cita sua experiência como exemplo: "Em 1999, a Universidade de Nova York publicou uma lista com as cem reportagens mais importantes do século XX. Vários trabalhos estavam fora de catálogo e sugeri uma coleção para publicá-los, que foi aprovada de imediato".

No entanto, fazer jornalismo literário não significa necessariamente encher páginas e páginas até que o texto fique tão grande que precise virar livro. A professora da pós-graduação da ABJL Monica Martinez acredita que o espaço de excelência do gênero seja o livro-reportagem, porém concorda que, nesse caso, qualidade é mais importante que quantidade. "Já vi trabalhos interessantíssimos em jornais e há ótimos profissionais em vários veículos, inclusive

da UFRGS, conta que algumas semanas após o assassinato de Chico Mendes, em 1989 - época de lançamento de seu livro "*1968, o ano que não terminou*" -, foi enviado para o Acre pelo *Jornal do Brasil*. Depois que a imprensa mundial foi embora, o repórter resolveu permanecer por mais tempo na região para apurar a morte do ativista ambiental. "Fiquei durante um mês e não mandei nenhuma matéria, o que fez uma completa diferença porque não precisava interromper a apuração. Tive esse prazo porque o jornal me deu essa liberdade, investi em tempo e espaço." A reportagem foi publicada em uma série de oito matérias e virou livro em 2003, quando Zuenir aceitou o convite da Cia. das Letras para retornar à Amazônia e complementar a publicação.



DESTAQUE

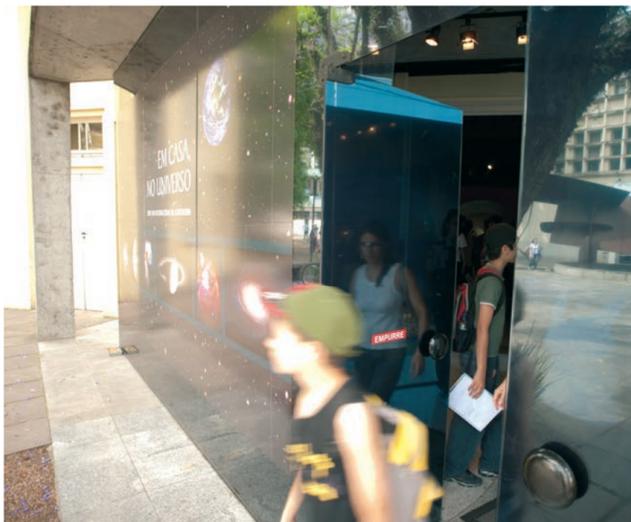
Museu da UFRGS faz 25 anos

DESTAQUE

Órgão mantém projeto pedagógico voltado à educação básica

Criado em 26 de novembro de 1984, na gestão do reitor Francisco Ferraz, o Museu Universitário instalou-se numa sala localizada no segundo andar da reitoria e passou a organizar exposições a partir dos acervos já existentes em diversas unidades da UFRGS. Conforme a historiadora Lígia Ketzler Fagundes, integrante da equipe do órgão desde aquele período, a primeira exposição apresentou uma seleção do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e foi realizada no Salão de Festas da reitoria: "O Museu teve origem no Núcleo de Documentação da Universidade, setor dirigido pela professora Sandra Pesavento. Mais tarde, já na gestão do reitor Hélgio Trindade, a então Comissão de História da UFRGS doou documentos que havia recolhido. A antiga Assessoria de Imprensa também nos repassou seu arquivo fotográfico. Assim, constituímos nosso acervo inicial". Lígia diz que a produção de material didático para uso em escolas da rede pública e a divulgação do acervo das faculdades, institutos e escolas que compõem a UFRGS sempre foram os objetivos básicos do órgão.

Cláudia Porcellis Aristimunha, atual diretora do Museu, acrescenta que, embora a produção de material didático tenha diminuído, há uma grande preocupação em assessorar



Alunos do ensino fundamental e médio são o principal público-alvo

os professores que agendam visitas às exposições com turmas de estudantes. "Atualmente, os catálogos das mostras cumprem uma função didática e são elaborados de forma a servir como material de apoio em sala de aula. Cada escola que nos visita sai daqui com um catálogo. Também enviamos exemplares para bibliotecas e para outros museus", esclarece.

As comemorações pelo aniversário começaram no primeiro semestre, quando o Museu apresentou a exposição "Invisíveis Lugares", destacando diferentes aspectos da história da Universidade. Cláudia lembra que, a partir dessa mostra, a equipe do Museu elaborou um projeto de história oral, coletando

depoimentos de alunos, professores e técnicos que fizeram ou ainda fazem parte da UFRGS. Os primeiros cinco depoimentos deram origem a um DVD produzido pela UFRGS TV, a ser lançado no dia 10 de dezembro, às 16h, no mezanino do Museu.

Um dos projetos iniciados neste ano, e que deverá ter continuidade em 2010, é o que promove visitas guiadas de grupos dos técnicos da própria Universidade. Cláudia explica: "Percebemos que esses encontros são muito importantes para estreitar laços, despertando o interesse dos técnicos na participação em novas exposições e nos eventos que organizamos". Para acompanhar a programação do Museu, basta acessar o site www.museu.ufrgs.br.

CINEMA

Muro de Berlim: 20 anos de queda

Mostra de cinema organizada pela Sala Redenção em parceria com o Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais da UFRGS. O ciclo resgata parte da história da Alemanha no período da Segunda Guerra Mundial. Curadoria de Tânia Cardoso de Cardoso e Nilo Piana de Castro. Apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou. Sessões com entrada franca.

ASAS DO DESEJO



(Alemanha, 1987, 127 min.), de Wim Wenders. A história de dois anjos, Daniel (Bruno Ganz) e Cassiel (Otto Sander), que observam os habitantes de Berlim, até que um deles se apaixona por uma trapezista. Sessão: 19 de novembro, às 16h

TÃO LONGE, TÃO PERTO (Alemanha, 1993, 140 min.), de Wim Wenders. Sequência de "Asas do Desejo" (1987). Na Alemanha recém-unificada, Daniel (Otto Sander) quebra a regra que proíbe os anjos de interferir na vida humana ao salvar uma menina que cai do terraço de um prédio. Sessão: 20 de novembro, às 16h

LILI MARLENE (Alemanha, 1981, 120 min.), de Rainer Werner Fassbinder. Ao gravar a popular canção "Lili Marleen", Wilkie (Hanna Schygulla) torna-se a cantora mais famosa da Alemanha de Hitler. Mas ela não encontra a felicidade, pois vive um romance proibido com Robert (Giancarlo Giannini), um músico judeu que participa da resistência contra os nazistas. Sessão: 23 de novembro, às 16h

O DESESPERO DE VERONIKA VOSS (Alemanha, 1981, 105 min.), Rainer Werner Fassbinder. Locutor esportivo (Hilmar Thate) conhece a decadente atriz Veronika Voss (Rosel Zech), antiga estrela da UFA, a empresa cinematográfica da Alemanha Nazista, e começa a investigar o seu passado. Sessões: 23 de novembro, às 19h; 24 de novembro, às 16h

UMA MULHER CONTRA HITLER



(Alemanha, 2005, 117 min.), de Marc Rothemund. Sophie (Julia Jentsch) e Hans Scholl (Fabian Hinrichs) são membros de uma instituição que tenta lutar contra o nazismo. Capturados pela Gestapo, eles são interrogados.

Sessões: 24 de novembro, às 19h; 26 de novembro, às 16h

O QUE FAZER EM CASO DE INCÊNDIO? (Alemanha, 2002, 100 min.), de Gregor Schnitzler. Quando uma bomba, colocada há vinte anos em uma mansão abandonada na cidade de Berlim, explode, todas as evidências levam a um grupo anarquista que existiu no final dos anos 80. Sessões: 26 de novembro, às 19h; 27 de novembro, às 16h

FILHOS DA GUERRA



(Alemanha, 1990, 115 min.), de Agnieszka Holland. Durante a Segunda Guerra Mundial, jovem judeu (Marco Hofschneider) consegue escapar do nazismo e do regime stalinista graças a sua sabedoria e coragem, além de muita sorte. Sessões: 27 de novembro, às 19h; 30 de novembro, às 16h

A VIDA DOS OUTROS (Alemanha, 2006, 132 min.), de Florian Henckel von Donnersmarck. Georg Dreyman (Sebastian Koch), o maior dramaturgo da Alemanha Oriental, tem sua vida investigada pelo ministro Bruno Hempf (Thomas Thieme). Sessão: 30 de novembro, às 19h

MÚSICA

Música no Museu

Recitais que integram o evento Música de POA, apresentando peças de jovens compositores, interpretadas por músicos atuantes no Rio Grande do Sul. As apresentações têm duração média de 40 minutos. Datas: 26 de novembro e 8 de dezembro (quinta e terça-feira). Local e horário: Mezanino do Museu, às 19h30min. Entrada franca

Concerto pelo Aniversário da UFRGS



Apresentação da Ospa em homenagem aos 75 anos da Universidade. No programa, composições de John Barry, Fernando Matos, Leonard Bernstein e Hans Zimmer. Solista convidado: Norberto Baldauf. Regência do maestro Manfred Schmiadt (foto). Data: 29 de novembro (domingo). Local e horário: Salão de Atos, às 11h. Entrada franca

TEATRO

Projeto Picasso: Um Sonho



Espectáculo que integra a 7.ª Mostra Anual Universitária de Teatro da UFRGS. A montagem, baseada em textos dramáticos do pintor espanhol, procura instigar o espectador, questionando-o sobre seus sonhos. Trabalho originado nas disciplinas Estágio de Atuação II e Estágio de Direção II, com orientação de direção de Irion Nolasco e orientação de atuação de Gisela Habeyche. Direção: Julia Rodrigues. Elenco: Carolina Pommer, Daniela Dutra, Juliana Morosini, Kaya Rodrigues e Thiago Pirajira. Duração: 50 min. Sessões: 18 e 25 de novembro (quartas-feiras). Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min. Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Uniarte - Projetos de Graduação em Artes Visuais 2009/1

Mostra da produção artística dos formandos do Departamento de Artes Visuais. Serão apresentadas obras em fotografia, vídeo, desenho, pintura, escultura, instalação e cerâmica. Visitação: até 20 de novembro. Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, de segunda à sexta, das 10h às 18h. Entrada franca



Recorte de uma Trajetória

No ano em que a UFRGS comemora 75 anos, seu Museu completa um quarto de século em favor da memória. Nesse período, promoveu mais de 120 exposições. Parte da trajetória da instituição estará retratada em diferentes imagens. Visitação: 23 de novembro a 31 de dezembro. Local e horário: painéis do prédio da reitoria, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Entrada franca

Em Casa, no Universo

Exposição que conta a história da Astronomia, destacando seu papel no desenvolvimento da Física e da Matemática. Visitação: até 21 de maio de 2010. Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Entrada franca. Agendamento de grupos pelos telefones 3308-3159 ou 3308-3390 ou pelo site www.museu.ufrgs.br

ESPECIAL

II Porto Alegre Biological Evolution Workshop

Evento que se insere nas comemorações dos 200 anos de Darwin. O encontro contará com a presença de pesquisadores de renome internacional e irá promover discussões a respeito dos padrões e processos evolutivos verificados na natureza. Período: 16 a 18 de novembro (segunda a quarta-feira). Local e horário: Anfiteatro do Depto. de Genética, das 8h30min às 12h e das 14h às 18h. Transmissão ao vivo pelo site www.biologicalevolution.com.br

CURSOS & PALESTRAS

O que a Humanidade Aprendeu Olhando para o Céu?

Palestra com o professor Augusto Damineli, do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP. Data: 18 de novembro (quarta-feira). Local e horário: Mezanino do Museu, às 10h. Entrada franca

As Estrelas de nossa Bandeira

Oficina com Luiz Eduardo D. Bica e Maria Helena Steffani em que serão abordadas as origens das estrelas da nossa bandeira, estabelecendo uma relação com as constelações às quais pertencem, bem como com os estados que representam. Data: 19 de novembro (quinta-feira). Local e horário: Mezanino do Museu da UFRGS, às 15h. Entrada franca

Modos de Subjetivação: Gótico, Grotesco, Maneirista

Curso de extensão da Faculdade de Educação, no qual serão apresentadas as palestras "Monges, mulheres e poetas: um olhar medievo contemporâneo", por

Nilton Mullet Pereira, e "Monstros e canibais: a emergência da modernidade", por Paola Zordan. Período: 19, 20 e 26 de novembro. Local e horário: sala 601 da Faculdade de Educação, às 18h. Inscrições: curso.dif@gmail.com ou no local. Informações: <http://modosdesubjetivacao.blogspot.com>

El Viaje Del Cometa

Exibição de fragmentos do documentário mexicano dirigido por Ivonne Fuentes Mendoza, com comentários do professor Horácio Dottori, do Departamento de Astronomia da UFRGS. Data: 25 de novembro (quarta-feira). Local e horário: Mezanino do Museu, às 18h. Entrada franca

Africanidades: História, Arte e Cultura



Curso de extensão do Núcleo de Pesquisa em História do IFCH,

que irá abordar temas como a imagem do africano na Europa no início do século XX. A programação inclui atividades culturais, exibição de documentários e o lançamento do livro "A festa dos navegantes", do professor Ari Pedro Oro. Período: 27 de novembro a 5 de dezembro. Local e horário: Memorial do RS, das 9h às 12h e das 14h às 19h30min. Informações e inscrições pelo telefone 3308-6631 ou pelo site www.ufrgs.br/nph. Entrada franca

Anos Rebeldes 2009 - Uma Abordagem da Ditadura Civil-militar Brasileira

Curso de extensão organizado pelo Colégio de Aplicação em parceria com o Observatório Interdisciplinar de Direitos Humanos, o Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (Ilea) e o Núcleo de Integração Universidade-escola da UFRGS. Período: 7 a 12 de dezembro. Local e horário: auditório do Ilea, de 7 a 11, das 13h30min às 18h, e no dia 12, das 8h30min às 12h. Inscrições: Colégio de Aplicação (Av. Bento Gonçalves, 9.500 sala 205). Informações: 3308-6978

ONDE?

Auditório da Genética
Av. Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-6722

Espaço Ado Malagoli
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

Faculdade de Educação
Av. Paulo Gama, s/n.
Fone: 3308-3120

Ilea
Av. Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-

Memorial do RS
Praça da Alfândega, s/n.
Fone: 3308-

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3390

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo
Rua Senhor dos Passos, 248 - 1.º andar
Fone: 3308-4302

Sala Qorpo Santo
Rua Luiz Englert, s/n.
Fone: 3308-4318

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/n.
Fone: 3308-3933

Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3034

Meu Lugar na UFRGS



CADINHO ANDRADE/JU

A segunda casa de Seu Nilton

Máquinas e máquinas, pilhas de papéis para todos os lados e barulho que não acaba mais. É assim a segunda casa de Nilton Scherger da Silva, ou Seu Nilton, como é mais conhecido na Gráfica da UFRGS, órgão que completou o 61.º aniversário neste ano. O funcionário mais antigo do local começou a trabalhar aos 14 anos como tipógrafo. Hoje tem 57, está há 33 na Universidade, e a evolução tecnológica tirou-lhe a sua maior paixão: a tipografia. “Se pudesse, eu voltava a fazer o trabalho de tipógrafo. É a melhor coisa que tem, apesar de ser uma tarefa muito trabalhosa”, diz.

No entanto, coordenar o setor de acabamento e corte da Gráfica – função que desempenha hoje – não parece tão ruim assim, já que, mesmo tendo idade para aposentar-se, Seu Nilton continua trabalhando e vindo todos os dias de Cidreira a Porto Alegre. “Há quatro anos, me mudei para o litoral, mas a diretora, dona Jussara, pediu que eu ficasse mais um pouco, e eu fui ficando”, justifica. No início, ele dormia durante a semana na casa do filho, em Viamão, mas atualmente vai e volta todos os dias com ele, que também decidiu morar longe da agitação da região metropolitana. “Viemos até Viamão, e de lá venho de ônibus até aqui. Na volta, faço o caminho inverso. Não posso perder a carona, às vezes me esqueço da hora e o pessoal já grita: ‘Seu Nilton, vai perder a carona!’”, conta.

O “guri novo”, como ele se define, é assim: conversa sem parar, ri de si próprio e está sempre fazendo alguma coisa. E não é só no trabalho que ele não para. A mulher comprou-lhe um celular, que carrega no bolso sem sequer saber o número, para encontrá-lo quando ele sai de casa. É realmente difícil imaginá-lo aposentado. “Não me vi aposentado ainda. Sempre programei parar aos 60. Faço 58 agora, de repente paro. Eu vivo a gráfica, então, para mim, isso aqui é tudo, por isso ainda não consegui”, explica. Segundo ele, se contabilizasse o tempo que passou trabalhando, viveu o dobro no serviço em relação aos momentos passados em família. Isso porque durante 12 anos cumpriu dupla jornada: na Universidade e na Caldas Júnior, chegando em casa às 3h da manhã e saindo às 7h.

Seu Nilton começou a trabalhar na Gráfica da UFRGS por acaso, quando um amigo o chamou para ajudar em um trabalho, e ele acabou sendo contratado. De lá para cá, em um dado momento, ao ver tudo se transformar, sentiu-

se sobrando, porque a gráfica evoluiu e ele, como tipógrafo, não tinha onde ficar. Como nos locais menores em que trabalhou teve de aprender de tudo um pouco, sabia cortar, e ficou no setor do acabamento. “Sou daquele tipo de coordenador que trabalha junto com a gurizada. Às vezes eles estão parados e eu estou ‘metendo bala’. Está cheio de bancos aqui, mas eu prefiro ficar em pé”, relata. A disposição é tanta que já o fez recusar uma sala feita especialmente para ele: “Não quero sala, porque quem trabalha não precisa disso. Sala é para pessoa velha. Sou um guri ainda!”.

Todo mundo sabe que Seu Nilton está na Gráfica até hoje porque gosta de trabalhar e que, com ele, até o pessoal da limpeza tem de se cuidar. “Já disse para eles deixarem uma vassoura para de vez em quando eu varrer, quando não tenho mais nada para fazer”. Brincadeiras à parte, o experiente funcionário entende que a boa relação com os colegas é fundamental e adotou a imagem de uma santa que alguém esqueceu de levar embora quando se aposentou. “Sou daqueles que chega e cumprimenta até a parede. Vou falando ‘bom-dia’ para todos e vou até a sala dos fundos, em que está a santinha. Me agarrei com ela e vou lá todos os dias dar um ‘salve’”, revela.

O seu local de trabalho tornou-se tão especial que até as lembranças ruins são contadas de forma engraçada. O acidente em uma máquina que quase provocou a amputação de sua mão, há vinte e poucos anos, foi também a oportunidade para o funcionário da Universidade andar na Brasília, que era o carro do reitor à época. “A Gráfica era na Fabico, e ninguém tinha carro para me levar ao HPS. Eu queria ir a pé, mas daí viram que o reitor estava na faculdade e pediram para o motorista me levar”, narra sorridente. A mão ficou apenas com algumas cicatrizes superficiais e insignificantes para Seu Nilton, que não titubeia ao afirmar: “A Gráfica da UFRGS faz parte da minha vida. Isso aqui é a minha segunda casa”.

Jaqueline Crestani, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil Incentivadora da leitura

**Literatura
infanto-juvenil**
*Graciela Quijano
organizou projeto
de extensão em
assentamento
no município de
Viamão*

Jacira Cabral da Silveira

Era uma vez, num tempo não muito distante, uma jovem de grandes olhos azuis em viagem da Argentina à Europa, acompanhada do pai e de uma prima. O tédio do navio, repleto de passageiros mais velhos, invade o coração das moças, ansiosas por conhecer o mundo fora dos limites da província de Córdoba onde residia sua família. A quebra da monotonia ocorre, entretanto, quando aportam em Santos, em São Paulo, e sobe a bordo um grupo de estudantes de engenharia numa certa universidade federal, situada na capital gaúcha, que também tinha a Europa como destino. A partir de então, a história muda, mas Graciela ainda não podia prever o quanto.

O perfil de Graciela Reyna Quijano, professora do Instituto de Letras da UFRGS, não poderia ser relatado de outra forma. Seus colegas a chamam carinhosamente de a Sherazade dos Sem-Terra. Assim como a rainha do século 14, a professora há 11 anos coordena o projeto de extensão O conto no assentamento Filhos de Sepé, levando literatura para os filhos dos assentados.

A ideia do projeto surgiu durante a greve de 1998, quando os docentes grevistas da Letras decidiram usar o tempo de paralisação para mostrar à comunidade o que a Universidade fazia. Alguém, lá pelas tantas, disse: “Vamos contar histórias”, ao que Graciela comentou “mas para quem?”, porque, segundo ela, naquela época o Instituto de Letras era muito desvinculado da realidade das escolas públicas. A resposta final veio quando ela mesma lembrou que àquela época havia na frente do prédio do Inkra um grupo de colonos acampados com muitas crianças. “Vamos lá contar histórias”, convidou.

Quando chegaram ao acampamento, ficaram surpresos ao saber que as crianças estavam em aula numa das barracas. Esse foi o primeiro contato de Graciela com a Escola Itinerante do Movimento Sem-Terra. A empatia deu-se de forma imediata e permanece até hoje, mesmo depois de sua aposentadoria em 2005. “O contato com a literatura deveria entrar nos Direitos Humanos como um direito das pessoas à cultura”, enfatiza. Mas, além do lado prazeroso de contar e ouvir histórias, ela diz que a literatura ajuda na formação das crianças e na estruturação de sua personalidade.

Com relação às crianças do Movimento Sem-Terra, por exemplo, Graciela lembra que “são crianças que passaram por situações difíceis”. Os contos em suas narrativas têm uma série de obstáculos, com personagens que os vão superando com a ajuda de outros, ou pela própria astúcia, até conseguirem sair do problema e “chegar a



FABRÍCIO BARRETO/DIVULGAÇÃO

“O contato com a literatura deveria entrar nos Direitos Humanos como um direito das pessoas à cultura”

um final feliz”. Isso ajuda as crianças a trabalharem internamente seus medos e suas angústias: “Por isso, os contos são eternos”, e Sherazade, ou melhor, Graciela, não cansa de recontá-los.

Estrangeira - Graciela mora na Nilo Peçanha com a Carlos Gomes, em Porto Alegre, cidade com a qual se identificou desde o primeiro contato em 1968, ano em que se casou com um brasileiro que conheceu em sua viagem à Europa – presente do pai, por ter concluído o magistério no seu país. “Tu és a estrangeira mais adaptada que eu já vi”, comenta uma amiga sobre a relação de Graciela com o Brasil. Na década de 90, decidiu naturalizar-se brasileira para poder participar da vida política nacional.

A professora atribui a facilidade de sua adaptação à vida porto-alegrense ao fato de sempre ter pertencido a um grupo social mais favorecido: “Me foram facilitadas muitas coisas e eu soube aproveitar”. Por outro lado, essa condição não impediu que desenvolvesse uma consciência social, comprometida com o bem-estar daqueles que estão a sua volta. Segundo ela, sua família sempre demonstrou grande sensibilidade social: “Havia toda uma ética e uma formação de respeito e consideração por aqueles que têm menos”.

Graciela nunca chegou a cogitar

interromper os estudos pelo fato de ter se casado aos 20 anos e mudado de país. Quando chegou ao Brasil, ingressou no curso de Letras da PUCRS e, um ano depois, fez prova de transferência para USP, em São Paulo, para onde se mudou com o marido. A conclusão do curso de Letras, entretanto, veio a ocorrer somente em 1979, na UFRGS, em Porto Alegre, já mãe de dois filhos. Logo após a formatura, foi convidada a permanecer na Universidade, lecionando língua espanhola no Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras, onde se doutorou em 2000. Também fez especializações na Espanha e em Cuba, na área da linguística aplicada ao ensino.

Netos - Graciela tinha 14 anos quando sua mãe faleceu. Ela e os irmãos estudaram em escola pública, exigência da mãe, decepcionada com o colégio confessional em que havia estudado e do qual não trazia boas recordações.

O magistério esteve presente no lado materno: duas escolas técnicas de Córdoba levam o nome da sua avó materna.

Mas as melhores lembranças que ela guarda dizem respeito ao pai, homem que sempre incentivou a formação e independência dos filhos e das filhas em especial. Ele costumava dizer: “Um bolo vocês compram na esquina, mas cultura e conhecimento não se compram”. Também orientava quanto à escolha dos parceiros: “Não se deixem escolher. Escolham vocês”.

Um dos maiores prazeres de Graciela é estar com os netos Marina, Pedro, Sofia, Luís e Francisco, que gostam de ouvir a avó contando histórias. “Eles são o meu laboratório”, brinca. Talvez inspirada no pai, a professora também busca passar aos netos o que julga ter aprendido de melhor: “Me sinto responsável pela educação deles”.

Até 2005, os alunos do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS divulgavam a sua produção artística de forma desordenada. A chegada de uma turma de bixos foi o ensejo para a reorganização do Centro Acadêmico e o início de atividades extraclasse, que integraram os novos alunos em torno de propostas como a pintura de painéis murais, ações de arte-educação e a produção de ilustrações e quadrinhos. Esse último grupo teve o apoio da professora Laura Castilhos, que organizou um projeto de extensão. Por conta da desarticulação dos estudantes, o projeto acabou não tendo continuidade, mas a ideia do Núcleo se manteve viva. A aluna Sílvia do Canto levou a proposta adiante, convocando os estudantes que ingressaram em 2007. "Organizamos reuniões que ocorriam às terças-feiras no bar do IA para trocarmos experiências sobre as técnicas de fazer quadrinhos de maneira informal", conta Carlos Eduardo Galon, ou simplesmente Galón - como costuma assinar seus trabalhos. Ele diz que, a partir daí, cada integrante do Núcleo passou a produzir pelo menos uma ilustração mensal, com base nos temas propostos nos encontros semanais. Foi nesse momento que Galón e Sílvia procuraram o Jornal da Universidade, dando início a uma parceria que persiste até hoje. Em 2007, o NIQ conseguiu organizar sua primeira exposição coletiva, exibida no Espaço Ado Malagoli do Instituto. De outubro a novembro deste ano, o grupo voltou a expor no mesmo local, desta vez apresentando a mostra "No universo da literatura infantil". Os desenhos que ilustram esta página trazem uma amostra do que esses jovens artistas andam aprontando.



Traços de união

INTEGRANTES DO NÚCLEO: ALEXANDRE COPÊS, ALEXANDRE DE NADAL, ANNA JONKO, BIANCA PINHEIRO, EDUARDO MÜLLER, GALÓN, GUSTAVO SILVA, GUILHERME CASTRO, KATIÚSCIA R. P. NUNES, LAÍS TISSIANI, SÍLVIA DO CANTO, TIELE B., VIKO

O PALCO DO RIO GRANDE DO SUL

Foi do palco do Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que a sociedade se acostumou a ver sair importante parcela dos profissionais que sedimentaram e continuam contribuindo para o desenvolvimento do estado. Essa presença constante fez da UFRGS a Universidade dos Gaúchos.

Ao longo de toda a sua história, passando pela criação da Farmácia em 1894, a integração de outras faculdades em 1934 e finalmente a federalização em 1950, permaneceu a identificação da instituição com o seu povo.

A maior universidade de ensino superior pública do estado tem pesquisa de excelência, possui referência internacional e oferece uma extensão de qualidade. Tendo como marco inicial a criação da Universidade de Porto Alegre, a instituição comemora 75 anos de trajetória. Para falar do contexto, dos episódios pioneiros, dos personagens visionários, do percurso dessa grande escola federada, convidamos quem fez parte dessa história.

Não são relatórios de produtividade acadêmica ou rankings de avaliação, mas depoimentos de pessoas que receberam a formação dessa Universidade e se destacaram nas esferas política, econômica, social e cultural. Tal passagem pelos bancos universitários tem significado afetivo particular para esses graduados, que não receberam da instituição somente conceitos e técnicas. As páginas que seguem são um registro da sensibilidade dessa convivência e compõem um relato histórico da UFRGS, construído em conjunto a partir do olhar daqueles que viveram e vivem seu dia a dia.

Uma universidade é feita do cotidiano da sala de aula e do laboratório. A cada período, alunos (desde a educação básica até a pós-graduação), professores (de substitutos a pesquisadores de renome internacional), técnicos administrativos e cidadãos beneficiados pelas ações extramuros (convênios, parcerias, cooperações institucio-



nais) escrevem dados de uma história que não é apenas da UFRGS, mas de todos os gaúchos e daqueles que vieram aqui ancorar suas raízes.

Sempre um projeto coletivo

"De fato, a UFRGS desempenha um papel muito importante no próprio desenvolvimento do ensino superior público do estado", destaca Carlos Alexandre Netto, atual reitor. E é esse caráter público, com todo o trabalho acadêmico, intelectual e cultural, que

tem reflexo direto na sociedade: "Acho que é por isso que as pessoas se doam tanto, porque o objetivo é coletivo. Já nasceu assim, é um projeto de muitos. São várias gerações que nos antecederam e muitas que nos irão suceder, sempre buscando um projeto comum a todos".

Alexandre Netto resalta ainda a forte identificação da mais antiga entre as universidades gaúchas com a sua sociedade: os anseios, as demandas e os desafios

que ela apresenta. Segundo ele, é indiscutível a responsabilidade institucional na formação de profissionais qualificados que irão atuar dentro e fora do estado. "Nesses 75 anos, muitas pessoas passaram por aqui e tiveram seus títulos de graduação e pós-graduação. A Universidade vem, no dia a dia, formando profissionais qualificados, que irão exercer suas atividades e, certamente, provocar significativo impacto sobre a vida da cidade e do estado."

Dos porões da História

ENCARTE ESPECIAL - 75 ANOS DA UFRGS

Resgate

Memória da Universidade é recordada por quem fez parte dela

A mesa-redonda "O que construiu a marca UFRGS ao longo destes 75 anos?" foi realizada em 22 de outubro, às 10h, na sala dos professores da Faculdade de Direito. Participaram o ex-reitor e professor de História Earle Diniz MacCarthy Moreira, o professor Emérito e referência internacional em Genética Francisco Mauro Salzano, os ex-diretores do Instituto de Psicologia Luiz Osvaldo Leite, da Faculdade de Educação Merion Campos Bordas e da Faculdade de Medicina Waldomiro Carlos Manfroi.

A conversa de duas horas foi previamente instigada pelas seguintes questões: - A educação superior no estado começa com a nossa Universidade. O que isso significa? - Como relacionam a criação dos cursos de graduação com a evolução do estado gaúcho como estrutura administrativa e polo econômico brasileiro? - De que forma avaliam os impactos do período da ditadura militar? - Qual o percurso do Ensino, da Pesquisa e da Extensão nas suas áreas do conhecimento? - Qual foi a demanda para a criação da pós-graduação? E

"Do que o corpo universitário não está convicto, não é por decreto que se faz"

Earle Diniz MacCarthy Moreira



qual o seu impacto? - Que histórias nunca foram contadas? - O conceito de Universidade em 2009 é outro?.

GÊNESE

Salzano - Antes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quem quisesse estudo especializado teria de ir a outro estado. Em época anterior, os brasileiros iam a Portugal fazer o curso superior. Então, acho que a Universidade chegou, e já chegou tarde, uma vez que as universidades da Europa são da Idade Média. Depois houve toda uma evolução das primeiras faculdades de formação especializada (Medicina, Direito, Farmácia), que posteriormente se agruparam numa federação de universidades. E isso, mais tarde, começou a se modificar para ser mais integrado.

MacCarthy - Concordo. A pergunta que se faz é por que ocorreu assim. A transferência da família real para cá implicou a necessidade de haver um centro aqui, em função da invasão francesa [de Portugal]. Por que depois não proliferou, não se criou um sistema universitário? Não seria difícil, bastava um decreto real e estaria criada uma universidade no Rio de Janeiro, pelo menos.

Manfroi - A nossa Universidade tem origem em polos. Em 1892, surge algo novo no Rio Grande do Sul: a Associação dos Farmacêuticos e Químicos, o primeiro grupo que se institui contra o pensamento positivista, que não permitia reuniões públicas e associações. Essa iniciativa resultou, quatro anos depois, na Escola de Farmácia e Química Industrial. Em 1894, os médicos criam uma Associação de Medicina de Porto Alegre. A Constituição Positivista de 1891 tinha um artigo que dava liberdade profissional, e qualquer um podia ser médico no estado. Com isso, aqui virou um reduto de charlatães. Marcou-se uma reunião com Olinto de Oliveira, Protásio Alves e Alfredo Leal (diretor da Farmácia), em princípios

"A história – já dizia o velho Cícero – é a mestra da vida"

Luiz Osvaldo Leite

de 1898, e decidiu-se fundar a Faculdade de Medicina. Esse é começo da área da saúde.

Leite - Sobre essa premissa de que o ensino superior no RS começa com a nossa Universidade, é importante registrar que houve pequenos núcleos antes. Um deles foi o prédio, localizado atrás da Catedral Metropolitana, construído em 1890 pelo segundo bispo de Porto Alegre, Dom Sebastião Laranjeira. Seu substituto, Dom Cláudio Poncilião, fez dele um seminário, no qual se iniciou o ensino superior de Filosofia e Teologia. O outro núcleo foi uma Escola de Agronomia e Veterinária em Taquari, para onde veio em 1894 uma figura importante na história do Brasil, o italiano Giovanni Rossi. O certo é que esse polo antes registrado pelo professor Manfroi, que inclui a Medicina, a Farmácia, a Engenharia, precedeu a primeira carreira humanista, que é a Faculdade de Direito, de 1900. Aí começa a Universidade, formada por escolas isoladas e privadas. Ela vai se tornar pública em 1934, quando se criou a Universidade de Porto Alegre (UPA). Essa unificação é mais formal que real, pois as escolas continuavam com muita força e eram estaduais. Só na década de 50 é que esse conjunto de faculdades vai se tornar federal.

Manfroi - A UPA surge quando vozes que não eram ouvidas no estado começam a se manifestar. A primeira vez que isso ocorre é em 1907, com o grupo de acadêmicos liderado por Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Lindolfo Collor. Eles criaram o Partido Estudantil Dissidente Castilhistas, opositor a Borges de Medeiros, e lançaram a candidatura de Carlos Barbosa. A segunda foi em 1928, quando os estudantes dos Institutos criam a Federação de Estudantes Universitários de Ensino Superior de Porto Alegre. Eles reclamavam da má qualidade do ensino, queriam que ele fosse público e ansiavam por uma universidade em que houvesse participação. Cyro Martins, integrante do Partido Universitário, fez parte da comissão que instituiu a UPA. O governador Flores da Cunha recebeu o documento, e da cerimônia ficou este registro: "Eu tive uma formação fora daqui e não estou muito afeito a essas questões da criação da Universidade, porque ela não faz parte do nosso ideário positivista, mas entendo que o mundo está andando depressa, principalmente quando se ouvem as vozes dos jovens, e o governo do Estado apoia integralmente a fundação da Universidade".

INSERÇÃO NA SOCIEDADE

Salzano - Uma das críticas que se tem feito à Universidade é que ela se afasta dos problemas principais da sociedade. É aquela história da "torre de marfim": uma coisa é a investigação científica, outra coisa é o dia a dia.

Leite - A criação das graduações foi importante para a evolução, sim, nas áreas que estavam sendo desenvolvidas. Por exemplo, o Direito formou



muitas lideranças políticas. Se olharmos o rol dos antigos alunos dessa faculdade, veremos o importante papel que eles desempenharam no Rio Grande do Sul e no Brasil. Para não falar de outro, falemos de Getúlio, que foi aluno laureado. O ensino das Ciências Humanas no Brasil começa com o decreto de 1934, que previa uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Já havia na USP e no Rio de Janeiro. Aqui ela foi criada em 1936 com o nome de Faculdade de Educação.

Merion - Na verdade, o decreto de criação da Universidade do Brasil, no RJ, em 1934, dizia que a Faculdade de Educação deveria ser o centro irradiador da Universidade. Porque uma Universidade sem Faculdade de Educação não conseguiria expandir e agregar os outros conhecimentos. Esse é um princípio bonito, mas foi esquecido logo. Ao mesmo tempo, tinha a questão da exigência da formação de professores dentro do nível superior.

Manfroi - Fazendo um reparo histórico, em 1808, com a chegada da família imperial, foi criada a Faculdade de Medicina e Farmácia de Salvador. Depois, quando a Coroa se mudou para o Rio de Janeiro, criou-se a Escola de Medicina. As duas celebraram 200 anos agora. A nossa, de Porto Alegre, foi a primeira escola médica da República, de 1898. As outras todas nasceram de um decreto do Imperador; a nossa é republicana.

Merion - E se fala muito em educação pública como um dever republicano.

Leite - A nossa universidade é basicamente leiga desde as suas instituições iniciais, seja pelo influxo do positivismo ou de um cientificismo que não era positivista, mas que já existia no século XIX. Houve um choque com a Igreja, porque ela era ligada ao Estado desde o primeiro Império, sendo totalmente custeada por ele. Acho que foi bom para ambos a desvinculação de Igreja e Estado, com a República. Por isso, hoje, a Universidade respira um clima laico.

MacCarthy - A Faculdade de Filosofia realmente preencheu a função de ponto de encontro da Universidade: havia ateu, havia positivista. Essa história da UFRGS é bonita e rica.

PESQUISA

Salzano - Em termos de pesquisa, existiam muitas aplicações na área da Medicina e da Engenharia, mas o núcleo de investigação básica inicia na Faculdade de Filosofia, com a Física e a Genética.

MacCarthy - Posteriormente, a Universidade sofreu uma série de modificações, originadas das imposições das políticas nacionais. Mas nós estamos sujeitos a isso, o sistema brasileiro é esse. No momento em que a Faculdade de Filosofia começa a restringir-se às Ciências Humanas, há uma separação.

Leite - Ela era uma miniuniversidade; tinha todos os ramos das Ciências.

Merion - A nossa Universidade não teve influência apenas no estado. Estava na origem da inspiração das demais universidades gaúchas. A Escola de Engenharia da Universidade Federal de Santa Catarina é herança direta e criação nossa, com professores daqui indo para lá.

Manfroi - Dentro da pesquisa, só por curiosidade, a UFRGS fez parte do ideário dos fundadores da área da saúde de Porto Alegre. Antes da montagem dos laboratórios, por exemplo, as doenças sexualmente transmissíveis eram uma verdadeira tragédia em Porto Alegre. O atendimento de um ambulatório da Santa Casa durante um dia recebia grande quantidade de pessoas com demência e lesões graves ocasionadas por essas doenças. E os que pegavam raiva, resultante da mordida de cachorro, iam de navio ao Rio de Janeiro se tratar. Até que, entre 1910 e 1912, surgem dois laboratórios que mudaram o ritual da assistência, e a comunidade passou a ter exames

gratuitamente. O p teve um papel imp volvimento cientifi

Salzano - Faland Genética e o curso surgem no porão Direito. Vejam co inteiro cabia nos p

Leite - Os porões porque a Faculda também nasceu quando se funda a foi instalada a Reit

MacCarthy - Não de que a Universid do Sul era a junção havia em Porto Al suas dependências Pelotas, Santa Ma Ela foi um polo irr superior para todo que o Paglioli [El a 1964] tinha um dade em Pelotas, p de viajar, e não era

Leite - Quand começam a cresce cia. Era muito jo falar e não conse existência de uma interior. O mesmo onde criaram curs e de Direito.

Merion - A impl pesquisa e da pós-g ocorreu a partir de queriam tomar ce também desejav: autônomo e, para de pesquisa. Nunca com tanto dinhei posto em pesquis de 1970.

DITADURA

MacCarthy - Exata organismos de pe mento surgem nes **Salzano** - Geren



ória

UNIVERSIDADE DOS GAÚCHOS

orão da Santa Casa importante no desenvolvimento do nosso estado.

o em porão, toda a História Natural da Faculdade de Direito era: um curso de História Natural e Direito.

aqui são famosos, de Economia e Filosofia. E a Universidade, aqui é a Filosofia.

podemos esquecer a Faculdade do Rio Grande. Não dos cursos que foram extintos, mas sim, e havia também a Faculdade de Filosofia e Rio Grande. O radiador do ensino não funcionava no estado. Lembra-se, reitor de 1952, quando lá na Faculdade o reitor tinha um escritório.

o esses grupos, há uma resistência quando ouvi a palavra acreditar na universidade no Rio Grande em Pelotas, os cursos de Odontologia e Medicina.

antação rápida da graduação no Brasil em 1968. Os “milicos” da época, mas não que ele fosse um político, precisávamos de um período de transição imediatamente após a década de 1960.

mente, inclusive os cursos de pesquisa e gerência. Não houve um período de transição, não. O



“Se quiser me denunciar, pode denunciar”
Merion Campos Bordas

gente que passou a ser santificada, posteriormente, mas botou o dedo na moleira e hoje são considerados fantásticos.

Manfroi – Eu tentei recuperar o que houve de oposição ao Paglioli, procurei muito, mas não encontrei.

Leite – Há mitos... Dizem que ele ia ser cassado e fez um pacto de não concorrer à reeleição para poder terminar o mandato, mas não há nada documentado.

Merion – Quem veio depois?

Leite – Milano [José Fonseca, reitor de 1964 a 1968]. Mas que também nunca foi comunista. Ele era um grande amigo do Getúlio Vargas e por isso trouxe muito para a Universidade.

Salzano – Durante a ditadura, havia um gabinete do SNI dentro da UFRGS, chefiado pelo coronel Natalício. Deve existir em algum lugar alguma coisa desse gabinete.

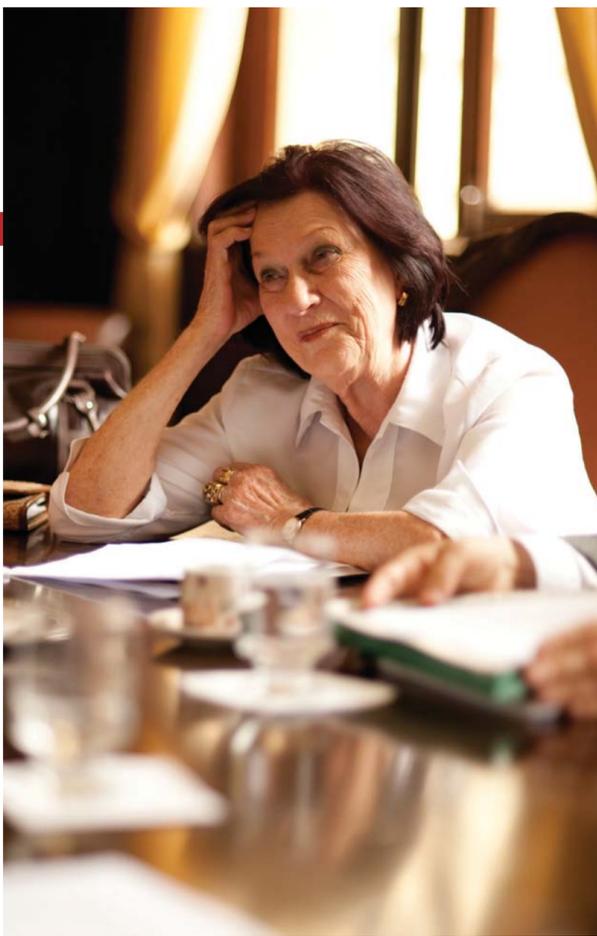
Macarthy – O testemunho que posso dar do Natalício, que conheci, é que foi o cara que mais salvou gente dentro dessa Universidade.

Merion – Posso contar uma história engraçada. Quando dava aula de didática, em 1972, nunca sabíamos quem eram os alunos, cada dia era um. Era uma disciplina para todos os cursos. E como eu nunca fui muito cauteloso, um dia, quando saí da aula, tinha um rapaz me esperando: “Querida lhe dizer uma coisa, a senhora fala demais. Gosto da senhora, mas eu sou do DOPS, e se a senhora continuar falando, vou ter que dizer”. “Bom, eu agradeço”, respondi, “tá bom, então vou tentar manejar. Se quiser me denunciar, pode denunciar”. Veja bem como era o clima nas salas de aula.

Leite – Era muito ruim, tive um aluno que também me fez advertência: “Olha, professor, estão gravando”. Ele chegou a dizer: “Eles dizem que o senhor é inteligente, que o senhor diz as coisas sem dizer”. Agradei. O próprio professor Câmara (eu fui assistente dele na Universidade, na época da legalidade), com toda a sua genialidade filosófica, na política era um homem muito conservador e um anticomunista feroz. No pré-64, costumava fazer reuniões em sua casa – isso entra no item *histórias que nunca foram contadas* – em que ia um grupo de professores e de políticos mais conservadores. Há uma frase dele famosa: “Ao cristão, no momento atual, só restam duas coisas: rezar e conspirar”. Não sei quem rezava, mas sei quem conspirava.

EXTENSÃO

“Porto Alegre é a primeira escola médica da República”
Waldomiro Carlos Manfroi



a seus hospitais universitários. O Brasil não teria o progresso tecnológico. Mas gostaria de recuperar a imagem de um reitor que é pouco lembrado. Ele antecedeu o professor Paglioli: Alexandre Martins da Rosa. Esse foi o homem da federalização, que foi reeleito e não assumiu. Deixou a casa arrumada para o Paglioli e comprou a área da Agronomia.

Macarthy – A extensão só teve possibilidade de se firmar num ato, além de uma intenção, porque a lei estabeleceu os princípios da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Manfroi – Quando fui pró-reitor de extensão (1988-1992), pensei em um processo chamado *Extensão é a Universidade na Sociedade*. Montamos um programa com esse discurso e oferecemos área física e suporte. Foi tal a adesão dos professores que criamos 42 grupos interdisciplinares. Um deles, chamado *Energia alternativa e meio ambiente*, construiu o primeiro cata-vento de Osório. O grupo de alfabetização de adultos pioneiro no Rio Grande do Sul também surgiu aqui na UFRGS, com a Neusa Belinni.

Macarthy – Quero render minha homenagem à clarividência do Paglioli, um dos homens mais inteligentes em termos de gestão universitária que conheci. Era estudante no tempo dele, a quem devemos a Estação Experimental Agrônoma e o Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH). O que a Estação representou na pesquisa do milho, dos ovinos, na melhoria do solo... Hoje dificilmente uma universidade poderia montar algo parecido. O Instituto de Tecnologia dos Alimentos (ICTA) é outra história extraordinária – já era pesquisa acoplada com a extensão. E o IPH trabalhou em municípios do litoral e em Santa Catarina.

Leite – O Instituto de Economia também foi da gestão Paglioli. Com o apoio do governador, juntamente com o Pery Pinto Diniz, simultânea à Faculdade de Economia, é criada uma Secretaria de Economia no BRDE. Tudo fruto de um núcleo nosso.

Macarthy – Essa contribuição da Universidade para o estado do Rio Grande do Sul, praticamente desde o nascedouro, só fez crescer.

Leite – Não podemos deixar de falar do Hospital de Clínicas, ideia do Paglioli, que ele não chegou a implementar.

Manfroi – Falando da função social da área da saúde, vocês imaginem se não existisse a universidade vinculada

malfeita porque, daquilo que o corpo universitário não está convicto, não é por decreto que se faz.

Leite – A universidade deve mudar e não podemos negar que ela está se adaptando, criando novos cursos. Agora quero me associar a Merion: o grande perigo é a perda de autonomia, e aí eu tenho medo. Vou dar um exemplo: algo incontestável da nossa Universidade, com resultado fantástico, é o exame vestibular, no qual temos tradição. E hoje, com essa tentativa do Enem, fico muito preocupado. Acho que a UFRGS, por enquanto, acertou. Ela deve crescer e se adaptar, mas não perder a sua autonomia nem os procedimentos que deram certo. Tenho muito medo quando se varre tudo. A história – já dizia o velho Cícero – é a mestra da vida.

Macarthy – Acho que pensamos a mesma coisa. É fundamental que a universidade tenha plena autonomia. A nossa Universidade precisa de um sujeito que se intere com o governo da República e nos obtenha os recursos, porque a gerência é nossa, para isso existem os órgãos universitários. Isso se chama autonomia. Agora, eu tremo nas bases quando normas começam a vir de cima. Já nem discuto a questão do Tribunal de Contas, porque temos o nosso, é só querer funcionar, não é verdade? Temos o Conselho de Ensino e Pesquisa, o Conselho Universitário e o Conselho de Curadores. E ainda precisamos de mais?

UNIVERSIDADE HOJE

Merion – A universidade tem de mudar. Ela é histórica, e a história acompanha as épocas. Mas tem um outro lado, ela é federal, é pública e mantida pelo Estado. Nós sofremos ao longo do tempo, estamos sempre sendo pressionados politicamente, porque a universidade é um lugar político. E uma das coisas que estão deixando de considerar é a sua autonomia. Hoje, uma das políticas em implantação está nos levando a fazer coisas que não se sabe de onde saíram.

Macarthy – Tens razão, sai às vezes



“Um curso inteiro cabia nos porões do Direito”
Francisco Mauro Salzano

Quem passou por aqui

Os depoimentos que seguem ilustram o sentimento que um egresso da Universidade carrega pela sua trajetória profissional e cidadã. Do ponto de vista de diversas áreas – judiciária, administrativa, política, médica, artística, cultural e das engenharias –, prevalece a gratidão pela formação recebida, a lembrança das experiências proporcionadas pelo ambiente universitário e a qualidade dos mestres que nortearam os projetos futuros. Fica o vínculo afetivo que nem o tempo passado e os novos rumos apagam.



Paixão Cortes

Engenheiro agrônomo e folclorista, concluiu o curso de Agronomia em 1961

Sou um homem telúrico por formação de herança materna e paterna. Estou ligado ao campo, à raiz, ao perfume e ao som dos animais pastando. Para mim, a convivência dos elementos espontâneos e genuínos da terra foi uma constante desde a minha infância até a vida profissional como engenheiro agrônomo. Foi na UFRGS que adquiri o conhecimento fundamental para usar as informações herdadas e a vivência com a singeleza do povo para projetar minha vida profissional. Mesmo que sempre tenha separado minha vida profissional como agrônomo, zootecnista e ovinotecnista da minha vida cultural e artística, no final, elas se sempre estão juntas. Isso ocorre porque são heranças espontâneas de pessoas que trabalham junto à terra e às raízes para preservá-las com dignidade, fazendo do homem não um sujeito parado, mas trepidante, desafiando as conquistas e acompanhando a modernidade sem perder suas raízes. Acho que a Universidade, nascida aqui, feita por gente daqui, com legados daqui, é fruto de pessoas conscientes da importância de ter uma unidade técnica e cultural digna do nosso estado. Para mim isso é fundamental, o resto é evolução e desenvolvimento. Mas sentimento da terra, herança e sapiência do ser são coisas importantes em qualquer momento. E a Universidade não tem momento, ela é eterna.



Paulo Brossard

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, graduado em 1947, ex-senador da República

Fiz meu ginásio em Bagé e vim para Porto Alegre para cursar o pré-jurídico, onde estudei Filosofia, Latim e Sociologia. Em 1943 ingressei no curso de Direito, que naquele tempo fazia parte da Universidade de Porto Alegre. Lembro que fiquei muito satisfeito com o ingresso na Universidade porque essa era a minha aspiração. Foi na UFRGS que tive a oportunidade de conhecer professores como Darcy Azambuja, Felix Conreiras Rodrigues, Elpídio Paes e o Armando Câmara. Um diferente do outro, mas todos me deram uma dimensão que ainda não tinha. O Câmara era tão brilhante, que minha vontade era bater palmas no final de cada aula.

Ao longo de minha vida na Faculdade, embora não houvesse um convívio estudantil mais acentuado, ocorreram episódios importantes e que repercutiram na atmosfera universitária. Um deles foi de natureza cívica muito intensa, quando todos os presidentes dos diretórios foram destituídos numa assembleia. Os estudantes eram contrários à moção que os dirigentes apoiavam para o afastamento do professor da Medicina Raul Pilla. Um ano depois fui eleito para o Grêmio Universitário Tobias Barreto e, mais tarde, para a presidência da Federação de Estudantes de Porto Alegre. Quando me formei e recebi o diploma de Direito, em 1947, foi um rompimento de relação com uma entidade que havia se inserido na minha vida.

Nelson Sirotsky

Presidente do Grupo RBS, formado em Administração de Empresas e Administração Pública em 1974

A UFRGS é uma referência na minha vida não apenas por ter me proporcionado uma formação decisiva para o meu futuro profissional, mas também, e principalmente, pela abertura de horizontes que representou para mim num período importante da juventude. Passei lá anos maravilhosos, convivendo com colegas e professores num ambiente saudável e desafiador. Formei-me em Administração de Empresas e Administração Pública no ano de 1974, aos 21 anos. Com o que aprendi na UFRGS, além de me capacitar profissionalmente, pude dar continuidade aos meus estudos no Brasil e no Exterior. Também lá adquiri o conceito de buscar permanentemente novos e diferenciados conhecimentos.

Sinto-me, até hoje, extremamente grato à UFRGS e tenho procurado demonstrar isso sempre que sou solicitado a colaborar de alguma forma para o crescimento da Universidade. Infelizmente, nosso país não tem uma cultura de retorno por parte de ex-alunos, como existe na Europa e, principalmente, nos Estados Unidos. Creio que esse é um desafio para todos nós, que somos gratos por tudo que recebemos das nossas universidades: criar vínculos para o resto da vida.



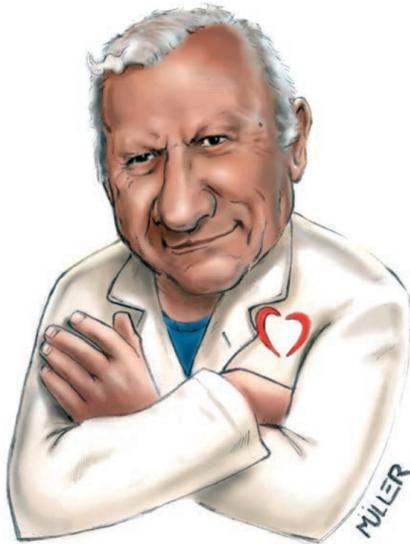
Ivo Nesralla

Médico formado em 1962, ex-professor e atual presidente da Ospa

A Universidade exerceu sobre toda a minha vida um papel fundamental e eu diria mesmo decisivo. Entrei na Faculdade de Medicina em 1957 e me formei em 1962. Continuei minha vida universitária como residente no departamento de cirurgias e depois fui contratado como professor. Hoje, já tendo caído na compulsória, continuo dando aulas sobre cardiopatias congênitas, o que me dá muito orgulho.

Uma vez me perguntaram se eu continuava operando pacientes do Sistema Único de Saúde, o SUS. Respondi que sim, porque acho que todo aquele que passa pela UFRGS assume um compromisso social de retribuir de alguma forma à sociedade o que aprendeu na universidade pública.

O meu lado ligado às artes é algo de foro íntimo. Fui presidente de duas bienais de artes visuais e estou completando 16 anos como presidente da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Esse é outro fato que me liga à Universidade, porque agora a nossa Orquestra Sinfônica voltou a fazer seus concertos no Salão de Atos da UFRGS, onde fez apresentações por muitos anos. Por fim, acho que a nossa Universidade é um dos maiores baluartes da Ciência no Brasil e é a coluna dorsal do desenvolvimento científico-tecnológico e cultural do Rio Grande do Sul.



Arminio José Abreu Lima da Rosa

Presidente do TJRS, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1975

A UFRGS tem uma característica muito própria em relação à formação e cultura de seus alunos. Isso se deve, em grande parte, à seleção dos alunos e também à linha ideológica que se consolidou ao longo dos anos. Em termos de formação de seus alunos, a UFRGS sempre buscou conferir uma visão maior de mundo, especialmente no âmbito da Faculdade de Ciências Sociais e Direito – que cursei –, que se caracterizou pela atenção enfática nos princípios e nas bases doutrinárias.

Para mim, passar pela UFRGS representou exatamente esse sentido maior das coisas do Direito. Tive a oportunidade impar de privar do pluralismo ideológico, característica que sedimentou as nossas definições a respeito de política, de vida pública e de responsabilidade social.

Vejo a UFRGS como uma instituição muito aberta para receber as mais variadas ideologias, as mais díspares concepções, ou seja, atuando como uma espécie de caldeirão de ideias. Isso permite aos alunos levar para a vida uma visão maior de mundo com um horizonte muito mais amplo dos caminhos a seguir.

À época que cursei Direito, a Faculdade também se destacava pelo corpo docente composto de grandes personagens, de expressão na História do Rio Grande do Sul. Não eram apenas conhecedores do Direito, mas pessoas com vivência pública muito expressiva. Isso sempre foi um diferencial da UFRGS.



Kleiton Ramil

Formado em Engenharia Eletrônica em 1975

Os anos 70, em Porto Alegre, foram decisivos para o artista e o ser humano que estavam em formação no ambiente efervescente desse período. Não tinha ideia naturalmente que atingiríamos o reconhecimento profissional em todo país, e no exterior, com grande sucesso por feitos artísticos, tornando-me então um dos “gaúchos da dupla Kleiton e Kledir” – estigma que até hoje nos acompanha, com muito orgulho. Naqueles anos, cursava Engenharia e simultaneamente Composição e Regência, o que me oferecia uma combinação de experiências complementares e fascinantes.

No Instituto de Artes, a convivência com mestres como Bruno Kieffer e Armando Albuquerque e com colegas superlativos como Celso Loureiro Chaves, Neuza Campos do Prado e Paulo Dorfman, entre outros célebres e estimados amigos, ensinou-me a conviver com uma perspectiva de estética musical da mais alta qualidade que tem norteado minhas obras e iniciativas.

Sempre tive a sensação, quando estudante universitário, que estava em uma das melhores escolas “do mundo”, e mesmo que haja um certo exagero nesse amor exacerbado que os gaúchos têm por suas instituições, não é nada mal levar consigo esse sentimento tão positivo, que enche nosso peito de orgulho, vida afora.



Kledir Ramil

Formado em Engenharia Mecânica em 1975

Em 1971, entrei para a Faculdade. Era um guri do interior, chegando na capital com sonhos de um dia trabalhar na Ferrari. Mas o ambiente universitário da Úrguis – como a gente chamava carinhosamente – me despertou para coisas que eu nem mesmo poderia imaginar. Foi um renascimento. Até então, a música era para mim puro prazer e diversão. Comecei a frequentar o Instituto de Artes, como ouvinte, e prestei vestibular para o Curso de Composição e Regência em 1973. Minha vida tomou uma outra dimensão, me descobri como artista.

Costumo dizer que a música me salvou. E falo sério. Adoro engenharia até hoje, gosto de ciências exatas, tenho um pensamento lógico. Só que iria me tornar um cara absolutamente cartesiano. Música também é matemática: é compasso, número de notas, tempo de pausa. Quando descobri que poderia, através dessa matemática, expressar minhas emoções, aquilo enriqueceu minha vida. Encontrei uma atividade na qual eu poderia praticar o pensamento lógico e ao mesmo tempo me expressar emocionalmente.

Hoje, eu sou um engenheiro que faz música. Me realizo de forma plena, posso colocar o meu coração nas coisas que produzo. A UFRGS me ensinou isso.